

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2022

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2022



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa dos Santos

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Claúdio Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA
BAHIA – SEI

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)

(Coordenação Geral)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Guillermo Javier Pedreira Etkin

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS

(Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção
Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz, Thiago Lima Bartolomeu e
Marcus Vinícius Souza P. dos Santos (Comércio
Exterior)**

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e
Marília Jane Campos (Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

EDITORIA-GERAL

Luzia Luna Pamponet

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITORIA DE ARTE

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO DE LINGUAGEM

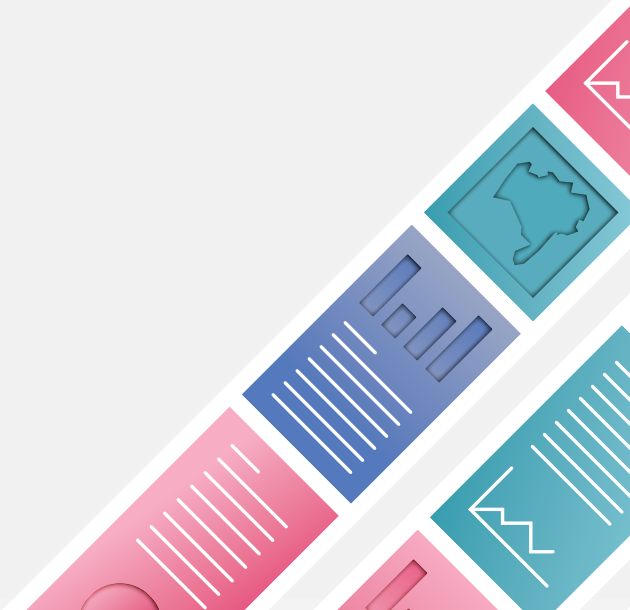
EDITORAÇÃO

EGBA

SUMÁRIO



Panorama Internacional, Nacional e Estadual.....	5
Internacional	5
Nacional	12
Estadual	16
Agropecuária.....	19
Cenário Bahia.....	19
Agricultura	19
Produção Industrial.....	24
Comércio Varejista	29
Serviços.....	35
Turismo.....	38
Comércio Exterior.....	41
Importações	46
Finanças Públicas.....	49
Produto Interno Bruto (PIB).....	51
PIB Em Valor Corrente.....	51
Mercado De Trabalho	55



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

INTERNACIONAL

A inflação seguiu em alta nas principais economias do mundo, em 2021, surpreendendo para cima e batendo recordes em vários países. Na Área do Euro, girou no maior patamar da série histórica: a inflação foi de 5% – o nível mais elevado desde a formação da série. Nos Estados Unidos, a inflação ao consumidor encerrou 2021 em 7,0% – seu patamar mais elevado desde 1982, e no Reino Unido as taxas são as mais altas em quatro décadas.

Mas a inflação tem sido significativamente mais elevada do que os Bancos Centrais vinham prevendo em um contexto de fortes estímulos à demanda nos últimos trimestres, exigindo uma mudança de postura dos principais banqueiros centrais. Esses abandonaram o discurso de que a alta dos preços era “transitória” e se resolveria sozinha e passaram a aceitar que já passou da hora de largarem o expansionismo que caracterizou a política monetária desses países nos últimos anos.

Mesmo com a ameaça inflacionária que não confirmou seu caráter transitório, as pressões sobre os preços estão se espalhando e se tornando mais persistentes, ainda que as commodities, em especial, tenham se estabilizado em níveis elevados. Apesar da inflação elevada, as principais economias do mundo voltaram a crescer em 2021 no seu último trimestre.

No quarto trimestre, a economia chinesa cresceu 4,0% em relação ao ano anterior e 8,1% em 2021, à medida que a produção industrial aumentou de forma constante até o final do ano e compensou a queda nas vendas no varejo.

A economia da China teve um forte início em 2021 e se recuperou de uma queda induzida pela pandemia em 2020, mas perdeu força devido a uma crise imobiliária, restrições de dívida e restrições rigorosas da covid-19, que atingiram o consumo.

O crescimento econômico dos Estados Unidos acelerou no quarto trimestre de 2021, uma vez que as empresas reabasteceram os estoques esgotados para atender à forte demanda por bens, ajudando a atividade do país a registrar seu melhor desempenho em quase quatro décadas.

O Produto Interno Bruto (PIB) americano aumentou a uma taxa anualizada de 6,9% no último trimestre. A economia cresceu 5,7% em 2021 como um todo, desempenho mais forte desde 1984. Havia registrado contração de 3,4% em 2020, maior queda em 74 anos.

O crescimento no ano passado foi alimentado por estímulos fiscais massivos, assim como juros muito baixos. O ímpeto, no entanto, parece ter desacelerado em dezembro em meio a um surto de infecções por covid-19, impulsionado pela variante Ômicron, que contribuiu para reduzir os gastos e interromper a atividade em fábricas e empresas de serviços.

O crescimento econômico da Zona do Euro desacelerou no quarto trimestre de 2021 contra os três meses anteriores, conforme esperado, mas ainda registrou forte expansão anual uma vez que o bom desempenho de França e Itália compensou um trimestre muito mais fraco na Alemanha.

A agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, divulgou que o Produto Interno Bruto dos 19 países que usam o euro cresceu 0,3% no quarto trimestre sobre os três meses anteriores, registrando ganho de 4,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. O PIB da Zona do Euro em todo o ano de 2021 cresceu 5,2% em relação a 2020, com base em dados trimestrais ajustados sazonalmente e ao calendário.

A economia do Japão voltou a crescer no quarto trimestre de 2021, depois que as restrições relacionadas à pandemia de Covid-19 foram suspensas, levando a uma recuperação nos gastos do consumidor.

No último trimestre de 2021, a terceira maior economia do mundo, depois dos Estados Unidos e da China, cresceu 1,3% em relação ao trimestre anterior, segundo o Escritório de Estatísticas do país. Embora o Japão tenha crescido no ritmo mais rápido em um ano, seu PIB ainda não conseguiu atingir o nível pré-pandemia encerrando 2021 com um crescimento de 1,9%.

As perspectivas de curto prazo para o cenário global em 2022 continuam pautadas pelos temas de inflação e desempenho da atividade econômica e suas implicações para a política monetária. Após frustração com o desempenho da economia em muitos países, há sinais de certa estabilização, ainda que o aumento dos casos de covid-19 pela variante Ômicron na Europa trouxesse alguma preocupação, diante da queda da mobilidade.

O outro fator mais grave, que permanece como o principal fator de incerteza e volatilidade para o cenário global, é a guerra Rússia-Ucrânia iniciada no fim de fevereiro. Os eventuais desfechos do conflito do ponto de vista geopolítico são difíceis de prever, mas as implicações econômicas têm ficado cada vez mais claras: menor ritmo de crescimento e inflação mais alta.

A inflação elevada, por sua vez, tem se mostrado mais persistente, aumentando as dúvidas sobre a transitoriedade dos choques. A onda da Ômicron, bem mais contagiosa, já se dissipou

rapidamente em vários países, evitando restrições na atividade econômica, como lockdowns e isolamento social. Exceção é a China, que com sua política de covid-zero ameaça criar novas perturbações nas cadeias globais de suprimento por conta de lockdowns nos locais onde ocorrem as infecções.

Os preços globais dos alimentos estão subindo no ritmo mais rápido desde o início dos registros históricos, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). O índice mundial de preços de alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) subiu 12,6% em março, elevando sua alta anual para 34% – o terceiro recorde consecutivo. A FAO descreveu o movimento como um “salto gigante”.

O aumento se deve em grande parte – mas não exclusivamente – à interrupção das exportações de trigo e outros produtos relacionados a grãos do Mar Negro desde que a Rússia invadiu a Ucrânia. Outros aumentos são prováveis devido ao grande choque nos preços dos fertilizantes.

A elevação dos juros nas economias desenvolvidas para conter a inflação, a guerra Rússia-Ucrânia e a expectativa de que a economia chinesa será afetada pelas políticas de combate à covid alimentam previsões de menor crescimento global e aumentam a incerteza, como mostram os resultados da atividade econômica para as principais economias do mundo no primeiro trimestre e a revisão para baixo do crescimento do PIB feitas pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

A economia da China teve um forte crescimento no início de 2022, registrando uma taxa de crescimento que superou as expectativas. Porém desacelerou em março, pressionada pelo consumo, o setor imobiliário e as exportações, tirando o brilho de números melhores do que o esperado do crescimento no primeiro trimestre e piorando o cenário em meio às restrições pela covid-19 e à guerra na Ucrânia.

O Produto Interno Bruto chinês expandiu 8% no primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior, mostraram dados da Agência Nacional de Estatísticas, superando a expectativa de analistas, de ganho de 4,4% e acelerando ante taxa de 4,0% no quarto trimestre.

O resultado forte para os dois primeiros meses do ano ajudou a impulsionar os números, com avanço de 1,3% entre janeiro e março sobre os três meses anteriores, contra expectativa de alta de 0,6% e ganho revisado de 1,5% no trimestre anterior.

Os dados sobre a atividade em março mostraram que as vendas no varejo chinês tiveram a maior contração na base anual desde abril de 2020 devido às restrições para conter a covid-19 em todo o país. As vendas recuaram 3,5%, contra expectativa de queda de 1,6% e aumento de 6,7% em janeiro-fevereiro.

O mercado de trabalho já mostrava sinais de estresse em março, normalmente um mês forte já que as fábricas retomam as contratações após o feriado do Ano Novo Lunar. A taxa nacional de desemprego ficou em 5,8% em março, mais elevada desde maio de 2020, enquanto a taxa das 31 principais cidades chegou ao recorde de 6,0%.

O governo chinês estabeleceu sua meta de crescimento para 2022 em 5,5%, a menor em três décadas. O que pode ser ainda menor, caso as restrições impostas pelo Governo para conter à Covid-19 continuem. Ao final de abril, praticamente todas as 100 principais cidades chinesas passavam por algum tipo de restrição de mobilidade, com destaque absoluto para os lockdowns impostos no delta do Rio Pérola (Guangdong-Hong Kong-Macau) e em Shanghai.

A maior economia do mundo, Estados Unidos, apresentou retração no PIB de 1,5% no primeiro trimestre de 2022 em termos anualizados, aponta a segunda estimativa do Bureau of Economic Analysis (BEA), órgão ligado ao Departamento de Comércio americano.

O Departamento do Comércio explicou, em um comunicado, que “a queda do PIB reflete a redução dos investimentos privados, das exportações, dos gastos públicos do governo federal e dos locais, enquanto as importações aumentaram”. A queda dos gastos públicos se deveu tanto à diminuição dos gastos em defesa quanto ao fim do prazo de vigência de programas de benefícios sociais por parte do governo.

Os Estados Unidos estão enfrentando uma inflação recorde, enquanto se recuperam da pandemia da covid-19. Ao mesmo tempo, registram o aumento dos preços dos combustíveis e de outros insumos, devido à invasão russa na Ucrânia e aos problemas de abastecimento em nível global. Esse quadro gerou temores de que a maior economia do mundo possa entrar em recessão.

Segundo analistas, com forte crescimento dos gastos do consumidor, investimento empresarial e emprego no primeiro trimestre, a economia dos Estados Unidos não estava em recessão no início do ano de 2022. O crescimento deve ser retomado no segundo trimestre, à medida que o déficit comercial e os estoques deixem de pesar contra a economia, embora a política monetária seja a mais contracionista dos últimos anos para conter a inflação que não dá trégua.

O crescimento econômico da Zona do Euro foi mais forte do que o anteriormente esperado no primeiro trimestre. Foi o que demonstrou os dados revisados, que o emprego também aumentou, o que revela que a Zona do Euro expandiu no ritmo sólido visto no final de 2021. Para a União Europeia como um todo, o PIB cresceu 0,4% no primeiro trimestre deste ano frente ao 4º trimestre, após registrar 0,5% nos últimos três meses de 2021, segundo o Eurostat.

O crescimento do emprego no primeiro trimestre foi de 0,5% na comparação trimestral e de 2,6% sobre o ano anterior, acelerando de 0,4% e 2,1% respectivamente nos três meses anteriores. A taxa de desemprego da Zona do Euro caiu a 6,8% em março ante 6,9% de fevereiro.

A terceira maior economia mundial caiu a uma taxa anualizada de 1% em janeiro-março, de acordo com os números do PIB, contra contração de 1,8% esperada por economistas. Isso se traduziu em uma queda trimestral de 0,2%, segundo dados do Escritório do Gabinete. Essa queda é um desafio para o primeiro-ministro, Fumio Kishida, para alcançar o crescimento e a distribuição de riqueza sob sua agenda de "novo capitalismo", alimentando o medo de estagflação – uma mistura de crescimento tépido e inflação crescente.

A leitura fraca pode pressionar Kishida a adotar ainda mais medidas de estímulo com as eleições para a câmara alta em 10 de julho, após os 2,7 trilhões de ienes (20,86 bilhões de dólares) em gastos orçamentários extras empenhados.

"A economia voltará a crescer nos próximos trimestres, mas não será uma recuperação considerável, deixando a possibilidade de gastos adicionais em aberto à medida que as eleições se aproximam", disse Hiroshi Shiraishi, economista sênior do BNP Paribas Securities. "O lockdown na China e as altas de juros nos Estados Unidos, bem como a crise na Ucrânia, podem pesar na demanda externa. Quedas na renda real das famílias e das empresas devido à piora dos termos de troca podem dificultar a recuperação da demanda interna", completou Hiroshi Shiraishi.

Diante do quadro de incerteza em relação ao comportamento da inflação, a continuidade da pandemia e da guerra Rússia-Ucrânia, além da retração dos Estados Unidos e do Japão no primeiro trimestre, o Banco Mundial está reduzindo sua previsão de crescimento global para 2022 em quase 1 ponto percentual, para 3,2%, ante 4,1% na previsão anterior. O Banco Mundial está respondendo às tensões econômicas adicionais da guerra com a proposta de uma nova meta de financiamento de crise para 15 meses, de 170 bilhões de dólares, com o objetivo de comprometer cerca de 50 bilhões de dólares desse montante nos próximos três meses.

Para o presidente do Banco Mundial, a principal responsável pela redução da previsão de crescimento global do banco foi a estimativa de contração de 4,1% na região da Europa e Ásia Central – que inclui Ucrânia, Rússia e países vizinhos. As previsões também foram cortadas para economias avançadas e em desenvolvimento por causa da disparada nos preços de alimentos e energia provocada por interrupções no abastecimento relacionadas à guerra.

Outra instituição multilateral, o FMI, constatou que haverá uma desaceleração da economia global nos próximos anos por conta do endividamento recorde de empresas e da população depois do impacto da crise causada pela pandemia do coronavírus. Ao projetar a média para os próximos três anos, o fundo afirma que países de economia desenvolvida podem perder 0,9% do produto, enquanto economias emergentes devem desacelerar ainda mais, com média de 1,3%. As conclusões estão no capítulo especial do World Economic Outlook (WEO) de abril, relatório de acompanhamento econômico global.

Os analistas do FMI lembram que governos federais e bancos centrais ao redor do mundo conseguiram diminuir a “dor econômica” da pandemia ao injetar liquidez na economia, com auxílios para o consumidor e garantias de crédito para empresas, além de moratórias para o pagamento de juros. Ao mesmo tempo, as medidas levaram a um aumento na dívida privada, trazendo o maior aumento da alavancagem desde a crise financeira global de 2008. “A dívida privada global aumentou 13% do produto interno bruto mundial em 2020 – mais rápido do que o aumento observado durante a crise financeira global e quase tão rápido quanto a dívida pública dos países”, diz o relatório WEO.

Como tudo na pandemia o impacto foi desigual entre as economias. O grau de exposição a serviços que demandam contato físico e o poderio dos auxílios governamentais foram determinantes para um maior ou menor comprometimento de dívidas.

A análise do relatório mostra que o empecilho pós-pandemia ao crescimento pode ser muito maior em países onde (1) o endividamento está mais concentrado entre famílias e empresas vulneráveis, (2) o espaço fiscal é limitado, (3) o regime de insolvência é ineficiente, e (4) a política monetária precisa ser apertada rapidamente. Além desses fatores, a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro, e novos bloqueios na China por conta da covid-19 fizeram o FMI revisar novamente para baixo as previsões de crescimento econômico global e faz alerta sobre o aumento das pressões inflacionárias no mundo.

O organismo multilateral reduziu em 0,8 ponto percentual a estimativa de expansão da economia mundial em 2022, passando de 4,4% para 3,6%, conforme dados do relatório

WEO. As novas projeções do FMI estimam crescimento também de 3,6% do PIB global em 2023, 0,2 ponto percentual abaixo dos 3,8% previstos em janeiro.

De acordo com o Fundo, a crise atual, desencadeada pela guerra na Ucrânia sem que o mundo se recuperasse totalmente do abalo provocado pela pandemia da covid-19, continuará tendo divergências significativas entre as recuperações econômicas dos mercados desenvolvidos e dos emergentes. Mas os efeitos econômicos da guerra “estão se espalhando como ondas sísmicas que partem do epicentro de um terremoto”. “Além da guerra, frequentes e abrangentes bloqueios na China – inclusive nos principais centros de fabricação – também desaceleraram a atividade lá e podem causar novos gargalos nas cadeias de suprimentos globais”, alertou o FMI.

O FMI reduziu em 0,6 ponto percentual a previsão de expansão do PIB dos Estados Unidos neste ano, de 3,9%, em janeiro, para 3,3%. A estimativa para a alta do PIB da maior economia global em 2023 passou de 2,6% para 2,4%. O Fundo ainda reduziu de 4,8% para 4,4% a perspectiva de avanço do PIB da China neste ano e passou a prever alta de 5,1% no PIB chinês em 2023, dado levemente abaixo dos 5,2% estimados em janeiro.

O organismo multilateral ainda fez um alerta para a inflação mais elevada e mais persistente que levaram a um aperto da política monetária de vários países. Enquanto reduziu as previsões de crescimento global, o FMI elevou as estimativas de inflação, tanto para economias desenvolvidas quanto emergentes, passando de 3,9% e 5,6%, respectivamente, para 5,7% e 8,7%.

“Os riscos gerais para as perspectivas econômicas aumentaram acentuadamente e os *trade-offs* políticos tornaram-se cada vez mais desafiantes. Além dos impactos humanitários imediatos, a guerra na Ucrânia atrasará severamente a recuperação global, desacelerando o crescimento e aumentando ainda mais a inflação”, destacou o documento do FMI, que prevê recessão tanto na Rússia quanto na Ucrânia.

Na Rússia, a queda acentuada reflete o impacto das sanções com o rompimento dos laços comerciais, muita intermediação financeira doméstica prejudicada e perda de confiança. Sob sanções do Ocidente, em razão de ter invadido a Ucrânia, a Rússia deve ter a maior retração do PIB entre os países listados pelo FMI. Da expansão de 4,7% em 2021, a economia do país deve encolher 8,5% neste ano e sofrer um novo abalo, de -2,3%, em 2023.

Outros riscos globais em potencial podem se cristalizar à medida que as tensões geopolíticas permanecem altas. O FMI alerta ainda que a guerra na Ucrânia aumentou a probabilidade de tensões sociais por causa da alta dos preços de alimentos e energia, o que pode prejudicar ainda mais a perspectiva econômica global.

O relatório aponta também que as consequências da guerra podem ampliar a desigualdade de renda entre os países ricos e pobres, bem como o de gerar uma economia global mais dividida entre blocos geopolíticos, que teriam tecnologias e meios de pagamento distintos, que pouco conversariam com o resto do mundo. Também poderiam causar perdas de eficiência, aumento da volatilidade e um grande desafio ao sistema de regras que governa as relações internacionais.

Além disso, a emergência climática sugere que a probabilidade de grandes desastres naturais permanece elevada. Portanto, as incertezas trazidas por essas variáveis subjetivas podem comprometer o desempenho da economia global em 2022. Além da inflação que se encontra em níveis desconfortáveis e a variável de controle que é a taxa de juros tem efeitos contracionistas sobre a atividade econômica.

Nacional

No quarto trimestre, a atividade econômica sentiu os impactos da inflação e do maior aperto monetário. Esse aumento da inflação estava associado aos fatores climáticos, repasse cambial e reabertura da economia. A crise hídrica impactou o preço da energia elétrica, diante dos níveis muito baixos dos reservatórios. Ao mesmo tempo, a reabertura da economia puxou os preços dos serviços para cima e as restrições do lado da oferta sustentaram a inflação de bens industriais (especialmente automóveis).

Diante desse descolamento da inflação das metas estabelecidas, que a partir de setembro atingiu dois dígitos, reduziu-se as perspectivas de crescimento mais significativo, pois, além de corroer o poder de compra das famílias, trouxe a necessidade de forte aperto monetário para conter o processo de aceleração inflacionária que encerrou 2021 com a taxa de 10,06%, a maior desde 2015.

O Banco Central passou a adotar uma postura mais contracionista na política monetária, elevando a taxa Selic de maneira mais agressiva, saindo de uma taxa Selic de 2% em fevereiro de 2021 para 11,75%% em março de 2022. Os aumentos na Selic, da inflação e do crédito afetaram a economia que já se encontrava em desaceleração, especialmente as atividades ligadas ao ciclo econômico, como a construção civil, indústria de transformação, comércio e serviços. Os resultados do primeiro trimestre de 2022, com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram para essa desaceleração nos principais setores da atividade econômica.

A produção industrial (indústria de transformação mais extrativa) caiu 4,5% em relação ao primeiro trimestre de 2021, após desabar no quarto trimestre. Os fatores que dificultaram uma retomada da indústria ainda permanecem, relacionados à oferta de insumos e

semicondutores, questões complicadoras pelo lado da oferta, que é algo mais global, afetado, principalmente, pelo mercado chinês.

Os efeitos da inflação, a abertura das atividades de contato presencial limitada, em razão a variante Ômicron, não impediram que o comércio varejista apresentasse uma leve expansão de 1,3% no primeiro trimestre. Esse crescimento aponta que o desempenho não foi homogêneo entre as atividades, com destaque para as que registraram as maiores quedas durante a pandemia.

No primeiro trimestre do ano, o setor de serviços cresceu 9,4% e quatro das cinco atividades apontaram taxas positivas, dentre elas o destaque foi o setor de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (15,5%). No caso dos serviços prestados às famílias, que acumulam expansão de 30,6% no trimestre, o que explica esse aumento é o movimento das empresas de hotéis, restaurantes e bufês que sofreram com as restrições impostas pelas autoridades sanitárias para conter a disseminação descontrolada da pandemia de covid-19 em 2021 e agora se recuperam.

Já o setor de outros serviços (-2,3%) foi o único a cair nesse indicador. Essa retração está relacionada a uma diminuição na receita de empresas que atuam em recuperação das atividades afetadas pelas restrições à mobilidade, o fechamento de serviços não essenciais e a queda no deslocamento de pessoas.

Como já foi destacado acima, a indústria geral apresentou queda e o comércio varejista um leve crescimento, apenas os serviços reagiram com mais vigor, favorecido pela flexibilização das atividades e da baixa base de comparação, no primeiro trimestre em relação a 2021. Mesmo diante dessa conjuntura ainda adversa, o mercado de trabalho no primeiro trimestre de 2022, por sua vez, surpreendeu as expectativas iniciais.

No mês de março foram criados 136.189 empregos com carteira assinada no país. As vagas abertas em março são resultado de 1.953.071 admissões e 1.816.882 desligamentos. O resultado foi positivo em quatro dos cinco setores econômicos, mostrando que a recuperação está alcançando as diferentes atividades econômicas. O destaque foi o setor de serviços que contribuiu com 112 mil novas vagas. É o terceiro mês consecutivo com crescimento na geração de empregos formais. No primeiro trimestre, foi registrado saldo de 615.173 empregos, decorrente de 5.820.897 admissões e de 5.205.724 desligamentos, os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged).

A criação de vagas contrasta com salários de admissão caindo novamente. São dois meses seguidos de retração, após as quedas consecutivas registradas ao longo de 2021 (depois

de um intervalo de crescimento em dezembro do ano passado e em janeiro deste ano). A remuneração média do contratado em março foi de R\$ 1.872,07, queda real de 7,2% em relação a um ano antes. Segundo os técnicos, a menor remuneração é tradicionalmente observada em momentos de retomada do emprego.

Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE e mostram que a taxa de desocupação foi estimada em 11,1% no trimestre encerrado em março, ficando estável frente ao trimestre anterior. Também houve estabilidade no número de desempregados, que totalizou 11,9 milhões de pessoas. Já a população ocupada, estimada em 95,3 milhões, caiu 0,5% na mesma comparação, o que significa 472 mil pessoas a menos no mercado de trabalho.

De acordo com a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, a estabilidade da taxa de desocupação é explicada pelo fato de não haver crescimento na busca por trabalho no trimestre. O cenário é diferente daquele apresentado nos outros trimestres encerrados em março, quando, pelo efeito da sazonalidade, havia aumento da procura por trabalho.

A recuperação do setor de serviços (1,0%), que representa cerca de 70% do PIB do país, foi decisiva para que o PIB do primeiro trimestre em relação ao quarto de 2021 não apresentasse um desempenho negativo, que em razão da queda da agropecuária (0,9%), explicada principalmente pela estiagem no Sul, causou a diminuição na estimativa da produção de soja, a maior cultura da lavoura brasileira. A estabilidade da indústria (0,1%) foi devido à queda da indústria extrativa (3,4%) e do baixo crescimento do setor de Construção (0,8%).

Segundo o IBGE, o PIB do primeiro trimestre registrou um crescimento moderado de 1,0% em relação ao quarto trimestre, apresentando três trimestres de taxas positivas consecutivas. Pela ótica da demanda, nessa base de comparação, o consumo das famílias e do governo cresceram 0,7% e 0,1%, respectivamente. Os investimentos se retraíram (-3,5%), enquanto as exportações (5,0%) se recuperaram da queda no quarto trimestre, e as importações apresentaram queda (-4,6%).

Mesmo com o pagamento do Auxílio Brasil, a partir de novembro, a flexibilização das atividades não foram suficientes diante da variante Ômicron. O cancelamento do carnaval, o desemprego elevado e a inflação de itens essenciais em patamares recordes afetaram diretamente a renda domiciliar, impactando negativamente no consumo das famílias com efeitos diretos sobre as atividades do setor de serviços que poderiam apresentar um resultado mais expressivo, nesse primeiro trimestre do ano, se não fossem os eventos adversos.

Em relação ao primeiro trimestre de 2022, o PIB cresceu 1,7%, quinto trimestre seguido de crescimento, nessa base de comparação, próxima da taxa do quarto trimestre de 2021 (1,6%). Pelo lado da produção, apenas o setor de serviços registrou resultado positivo de 3,7%.

O IBGE apontou recuo de 8,0% da agropecuária, devido a queda nas safras da soja (-12,2%), do arroz (-8,5%), de fumo (-7,3%) e de mandioca (-2,7%). Já o recuo de 1,5% da indústria se deve, sobretudo, à queda na indústria de transformação em 4,7% e à queda na extração de minérios ferrosos (a indústria extrativa recuou 2,4%). A construção avançou 9% e registrou avanço de 12,8% no número de trabalhadores ocupados, devido ao avanço acelerado das obras públicas, em ano eleitoral.

Todos os componentes da demanda agregada cresceram no primeiro trimestre, exceto a formação bruta de capital fixo (FBCF). O consumo, tanto das famílias quanto do governo, avançou pelo segundo trimestre seguido – respectivamente de 2,1% para 2,2% e de 2,8% para 3,3%. Já os investimentos mantiveram trajetória de desaceleração, com queda de 7,2%, enquanto as exportações apresentaram alta de 8,1%.

No primeiro trimestre, a taxa de investimento foi de 18,7% do PIB, ficando abaixo da registrada no mesmo período do ano passado (19,7%). “Essa queda foi impactada pela diminuição na produção e importação de bens de capital, apesar de a construção ter crescido no período”, destacou a pesquisadora Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

Para os próximos trimestres de 2022, o cenário é desafiador para a atividade econômica, principalmente para a indústria e serviços. O primeiro trimestre foi, em parte, comprometido pela nova variante *Ômicron* que cancelou a principal festa desse período, o carnaval, reduzindo a demanda pelos serviços de contato pessoal e presencial. Mesmo assim, o setor de serviços conseguiu crescer pela demanda reprimida de algumas atividades relacionadas ao turismo.

O bom resultado do primeiro trimestre e indicadores antecedentes positivos nos últimos meses têm levado a uma revisão para cima das projeções para o crescimento da economia em 2022. Analistas apontam para um avanço do PIB acima de 1% no ano, enquanto a equipe econômica sinaliza para uma alta de 1,5%.

A projeção atual de crescimento do Brasil, citada no estudo World Economic Outlook de abril (Perspectiva Econômica Mundial) é 0,8% maior do que a estimativa divulgada em janeiro, que previa alta de 0,3% no ano. Com os bons resultados do primeiro trimestre essa taxa deve ser revista no relatório de julho.

O Brasil tem um dos números mais baixos de crescimento da América Latina. A maior parte disso se deve a um ciclo agressivo de aperto monetário por parte do Banco Central para conter as pressões da alta de preços. Ao mesmo tempo, o Brasil é um exportador de petróleo e está se beneficiando do aumento de preços de petróleo e energia.

As previsões dos analistas brasileiros apontam para uma taxa Selic acima de 14%. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia elevou a incerteza na economia global e jogou para cima os preços de commodities, aumentando as pressões inflacionárias no Brasil e no mundo. Por fim, 2022 é um ano de eleições presidenciais, num quadro marcado por dúvidas sobre como será a política fiscal a partir do ano que vem. Portanto, com esses fatores negativos, como política monetária contracionista e a incerteza quanto à duração da guerra na Ucrânia, as perspectivas não são favoráveis, podendo comprometer o desempenho do PIB no segundo semestre.

ESTADUAL

A atividade econômica da Bahia apresentou uma recuperação significativa no primeiro trimestre, mesmo diante de uma conjuntura pouco favorável pelas restrições impostas pela variante Ômicron, inflação em dois dígitos e política monetária bem contracionista.

Com base nos dados das pesquisas mensais do IBGE, sistematizadas e analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), os resultados foram positivos no primeiro trimestre, na maioria das atividades, principalmente na indústria geral que voltou a crescer após quatro trimestres de queda.

A indústria geral (transformação e extrativa) apresentou crescimento no primeiro trimestre em relação ao ano anterior, com alta de 2,3%. As atividades de Produtos derivados de petróleo (21,0%) e Produtos químicos (8,0%) contribuíram decisivamente para o resultado positivo.

O varejo baiano voltou a se expandir em março, após sete meses de resultados negativos, com taxa de 5,7% em relação a igual mês do ano passado. Essa taxa positiva, porém, não impediu o desempenho negativo de 1,9% no trimestre em relação ao mesmo de 2021. A explicação para a retração das vendas no varejo da Bahia está nos fatores já conhecidos como inflação de bens essenciais, queda da renda real, endividamento das famílias e elevadas taxas de juros, além das restrições impostas às atividades presenciais e à circulação de pessoas nos meses de janeiro e fevereiro, devido à chegada da Ômicron, a nova variante da covid-19.

O setor de serviços, o mais afetado pelas medidas adotadas para controlar a disseminação da covid-19, continuou seu processo de recuperação, mesmo com as restrições impostas para conter a variante Ômicron, como o cancelamento do carnaval.

No primeiro trimestre, em comparação a 2021, o setor de serviços cresceu 14,6%. Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (50,6%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (18,2%).

O crescimento da atividade Serviços prestados às famílias ainda é reflexo da baixa base de comparação. As medidas de reabertura e flexibilização, a partir de março, foram extremamente positivas, principalmente para as atividades ligadas aos serviços prestados às famílias, que, em março, cresceu 102,0%, 12ª variação positiva consecutiva e maior alta da série iniciada em 2012, para os meses de março.

Em relação ao comércio exterior da Bahia, no primeiro trimestre, as exportações registraram US\$ 2,51 bilhões, valor superior em 41% ante igual período do ano anterior. Boa parte do bom desempenho das vendas ao exterior no trimestre pode ser explicada pelo volume expressivo de embarques de derivados de petróleo (em março, alta de 172,8% na comparação com março do ano passado), como também pelo efeito preço desses produtos no mercado internacional – crescimento médio de 42,6%, decorrente do salto das cotações após o conflito na Ucrânia.

Já as importações somaram US\$ 2,83 bilhões, 66,4% acima do registrado no primeiro trimestre de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis, que cresceram 279,4% no mesmo período. Esse crescimento maior das importações no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um déficit de US\$ 506,7 milhões no trimestre.

O bom desempenho da atividade econômica no estado refletiu no mercado de trabalho formal. Com base nos dados do Novo Caged, a Bahia liderou a geração de emprego no Nordeste, no primeiro trimestre de 2022, com a criação de 30.832 novas vagas – aumento de 1,72% em relação ao total de vínculos celetistas do início do ano. Entre as unidades da Federação, o estado se posicionou na oitava colocação.

Os dados referentes aos saldos de empregos distribuídos no estado, no primeiro trimestre no ano, constatam a abertura de postos de trabalho com carteira assinada na Região Metropolitana de Salvador (RMS) (11.294 postos) e no interior (19.538 postos), correspondendo a 36,6% e 63,4%, respectivamente.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao primeiro trimestre mostraram que os resultados positivos para a indústria geral, serviços, exportações e agropecuária impactaram diretamente o PIB da Bahia, que cresceu 2,8%, calculado pela SEI. Na comparação com ajuste sazonal (1º trimestre de 2022 em comparação com o 4º trimestre de 2021), o resultado também foi positivo em 1,3%.

Setorialmente, na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, os Serviços com alta de 2,5% e a Indústria, voltando a crescer 4,9%, foram os responsáveis pelo crescimento do PIB, embora a Agropecuária continuasse se expandindo. A contribuição da Agropecuária para o PIB foi mais modesta diante de uma taxa de apenas 1,0%, em razão de altas bem expressivas registradas em trimestres anteriores.

A expansão do PIB mudou um pouco as expectativas em relação ao desempenho nos próximos trimestres. Para o próximo trimestre, as previsões são de um novo crescimento. Em relação ao segundo semestre deste ano, os efeitos da política monetária ultracontracionista, do aumento dos juros, inflação em alta, elevado desemprego, endividamento das famílias e possibilidade de uma quarta onda da covid-19 impedem a continuidade do crescimento no mesmo ritmo do primeiro semestre.

Além desses fatores, como 2022 é um ano de eleições gerais, a incerteza aumenta quanto ao rumo da política econômica deste governo e do próximo que devem reduzir os investimentos, limitando, portanto, o crescimento já a partir do segundo semestre.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana
pedromarques@sei.ba.gov.br

Cenário Bahia

AGRICULTURA

Em 2022, a Bahia poderá atingir safra recorde de grãos pelo terceiro ano consecutivo. As estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam para uma produção superior à do ciclo produtivo anterior. Não obstante, o aumento dos custos de produção, as condições de mercado favoráveis (demanda aquecida, preços elevados e câmbio depreciado) estimularam os produtores a ampliarem as áreas de plantio, o que se verifica em todas as principais culturas (soja, milho, algodão e feijão).

Os dados da Conab¹, relativos ao oitavo levantamento para o calendário agrícola 2021/2022, estimaram uma produção de 11,9 milhões de toneladas de grãos na Bahia, no período, o que representa uma alta de 10,9% em relação ao ciclo 2020/2021.

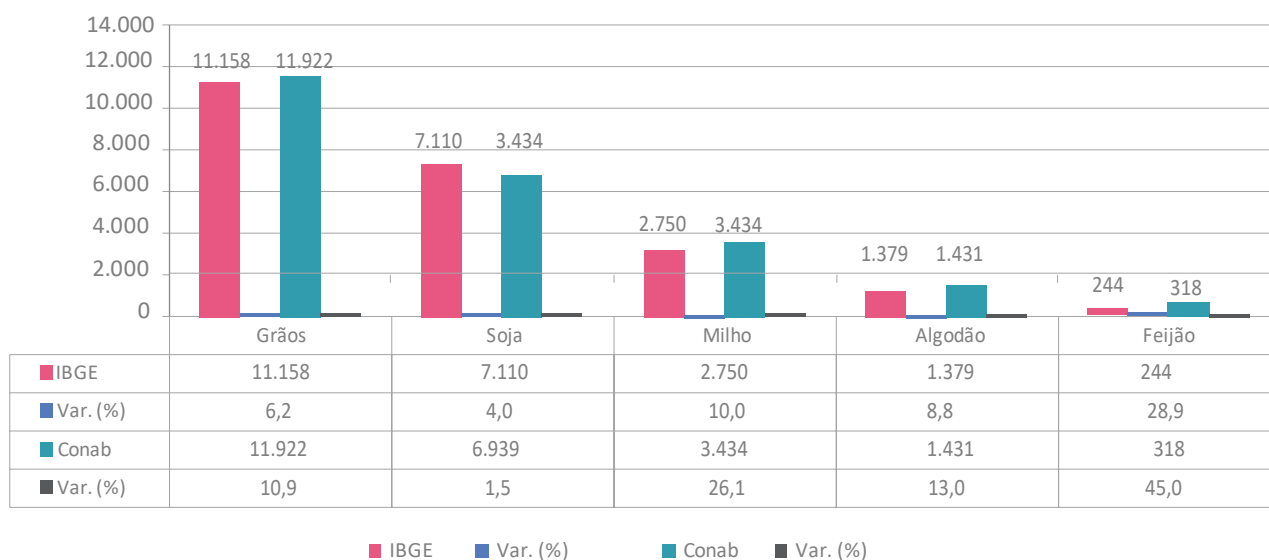
O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE, relativo a abril de 2022, estimou a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas², na Bahia, em 11,16 milhões de toneladas (t), o que representa um crescimento de 6,2% na comparação com a safra 2021 – que foi o maior resultado da série histórica do levantamento para o conjunto de produtos pesquisados.

A área plantada total deve alcançar em torno de 3,35 milhões de hectares, superando em 4,5% a do ciclo anterior. O rendimento médio, por sua vez, ficou calculado em torno de 3,43 t/ha, superior em 5,3% na mesma base de comparação.

1 Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de outubro do ano corrente a setembro do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

2 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1
Estimativas comparadas da safra de grãos
Bahia – 2022/2021



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2022) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2022).
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.
 Nota: valores em mil toneladas.

Algodão

Segundo a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), as chuvas ajudaram no desenvolvimento da safra da região Sudoeste da Bahia e pararam antes do esperado, favorecendo o início da colheita. A região, que foi o grande polo produtor na Bahia, posto perdido para o Oeste, representa 5,94 mil hectares do total de 307,65 mil ocupados por esse cultivo na Bahia.

IBGE

A produção de algodão (caroço e pluma), projetada em 1,38 milhão de toneladas, pode ser 8,8% superior à de 2021. Este ano, a área plantada com a fibra (290 mil hectares) supera em 8,3% a do ano passado, demonstrando, assim, uma maior disposição de investimento dos produtores diante da melhoria nas condições de mercado.

Conab

A produção de algodão pode alcançar 1,43 milhão de toneladas, o que representa uma expansão de 13,0% sobre o ciclo anterior. A área plantada (308 mil hectares) é 15,2% superior à de 2020/2021.

Soja

Segundo a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), apesar do excesso de chuvas no Oeste Baiano, a colheita da soja já havia alcançado 70% da área, com previsão de produtividade média de 66 sacas por hectare. Em 2021, a média havia sido de 67 sacas por hectare, o que rendeu destaque nacional para a Bahia em termos de produtividade da oleaginosa.

IBGE

Estima produção de 7,1 milhões de toneladas, que supera em 4,0% o volume produzido em 2021. Dessa forma, a safra do grão poderá atingir volume recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada com a oleaginosa está projetada em 1,79 milhão de hectares, 5,3% superior ao observado em 2021.

Conab

A Conab também espera uma produção (6,9 milhões de toneladas) superior ao recorde observado na safra passada (6,8 milhões de toneladas), apontando um crescimento de 1,5%. A estimativa de área plantada também apresentou expansão (5,8%), totalizando 1,8 milhão de hectares.

Milho

Ainda de acordo com a Aiba, a safra de milho na região oeste do estado encontrou alguns problemas com pragas, podendo prejudicar a produtividade do cereal. O plantio de inverno, no entanto, já alcançou 85% da área estimada e a colheita do cereal plantado no verão está em 23%, com produtividade estimada em 170 sacas por hectare.

IBGE

Para o IBGE, as duas safras anuais do milho podem somar 2,75 milhões de toneladas em 2022, o que representa uma expansão de 10,0% na comparação anual. Com relação à área plantada, estimada em 700 mil hectares, houve expansão de 4,5% na comparação anual.

A estimativa da primeira safra ficou em 2,1 milhões de toneladas, 10,5% superior à de 2021. Já o prognóstico para a segunda safra ficou em 650 mil toneladas, crescimento de 8,3% em relação ao ano anterior.

Conab

A safra 2021/2022 do milho deverá totalizar 3,4 milhões de toneladas, o que representa uma variação positiva de 26,1% com relação ao ciclo anterior. Foram estimados 844 mil hectares de área plantada com o cereal e produtividade média de 4,0 t/ha, na atual temporada, de acordo com a Conab.

Feijão

IBGE

No ciclo atual, a perspectiva é de que a produção total de feijão alcance 244 mil toneladas, o que representa avanço de 28,9% na comparação com a safra de 2021. O levantamento manteve a estimativa de área de 417 mil hectares plantados, a mesma observada no ano anterior. Estima-se que a 1ª safra da leguminosa (145,6 mil toneladas) seja 41,3% superior à de 2021, bem como a 2ª safra (98,3 mil toneladas) tenha uma variação positiva de 14,1% na mesma base de comparação.

Conab

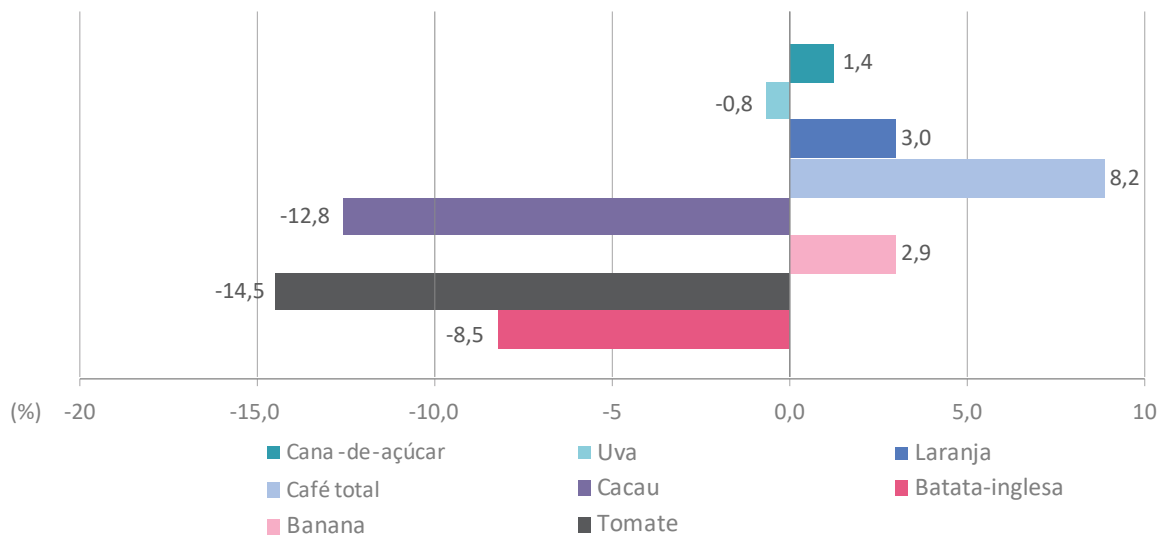
Com relação ao feijão, estima-se uma colheita de 318 mil toneladas no ciclo atual, numa área plantada de 416 mil hectares. O volume de produção estimado representa um avanço de 45,0% na comparação com o ciclo 2020/2021.

Outras lavouras permanentes e temporárias

Com relação a outras culturas permanentes e temporárias relevantes no estado, destaque para a recuperação da lavoura do café. De acordo com o IBGE, é esperada uma colheita de 224 mil toneladas este ano, 8,2% acima da observada no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 89 mil toneladas, com variação anual positiva de 20,3%. Por sua vez, a safra do tipo *canéfora* ou *conilon* tem previsão de 135 mil toneladas, alta de 1,5% na mesma base de comparação.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima produção de 5,6 milhões de toneladas, alta de 1,4% em relação à safra 2021. A estimativa da produção do cacau está projetada em 126,5 mil toneladas, o que representa uma queda de 12,8% na comparação com o ano anterior.

Gráfico 2

Variação anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias
Bahia – 2022/2021

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (911,3 mil toneladas), laranja (653,5 mil toneladas) e uva (60,8 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 3,7%, 3,0% e -0,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indica uma produção de 856,3 mil toneladas de mandioca, 0,6% inferior à de 2021. A produção de batata-inglesa, estimada em 354 mil toneladas, apresenta recuo de 8,5%, e a do tomate, estimada em 178 mil toneladas, aponta queda de 14,5% na comparação com o ano passado.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

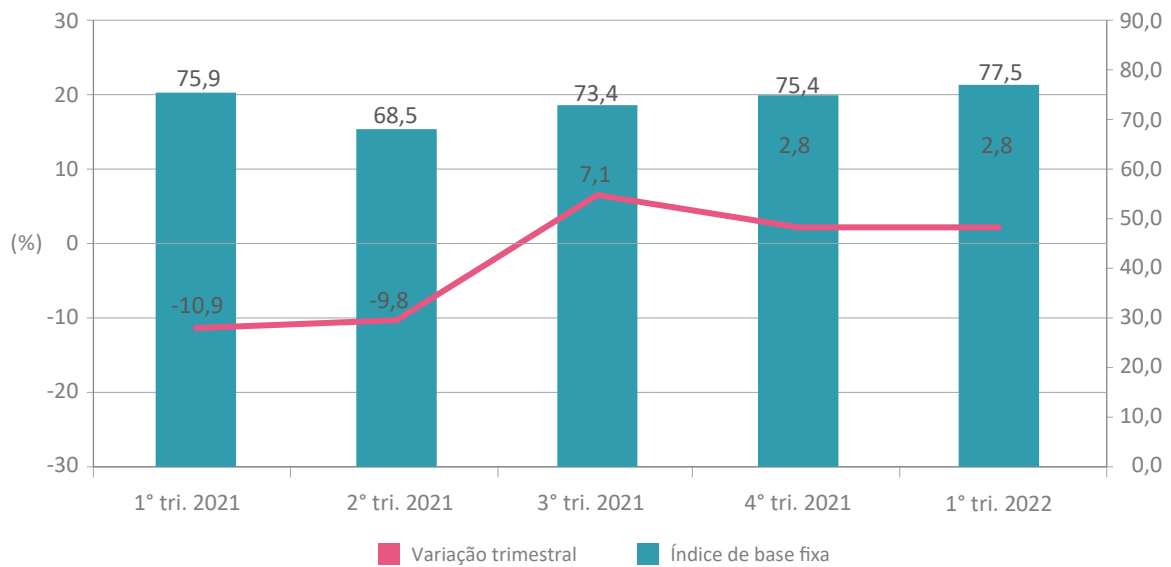
O setor industrial brasileiro, no primeiro trimestre de 2022, foi influenciado pelo desequilíbrio entre as cadeias globais de oferta e de demanda, o que tem promovido aumento nos níveis de preços das commodities e na pressão inflacionária global desde a reabertura das economias após o pior momento da crise sanitária. E, também, gargalos logísticos relacionados à liberação de cargas, falta de contêineres e congestionamento nos portos acirram o cenário de desorganização das cadeias de suprimento. Por fim, a recente deflagração do conflito entre Rússia e Ucrânia tem culminado em nova rodada de alta no preço de diversas commodities e agravado ainda mais o quadro inflacionário mundial.

É nesse contexto que se insere a indústria baiana, produtora principalmente de bens intermediários, a qual se beneficia do aumento dos níveis dos preços internacionais.

O indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana manteve o crescimento pelo terceiro trimestre consecutivo, com taxas de 7,1% no terceiro e 2,8% para os dois trimestres seguintes, comparados com os trimestres exatamente anteriores, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)³, ilustrados no Gráfico 1. Esse crescimento foi alavancado especialmente pelos setores de derivados de combustíveis e de produtos químicos. Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país aumentou apenas 0,3%.

3 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2022_mar.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

Gráfico 1
Produção física industrial
Bahia – 1º tri. 2021-1º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

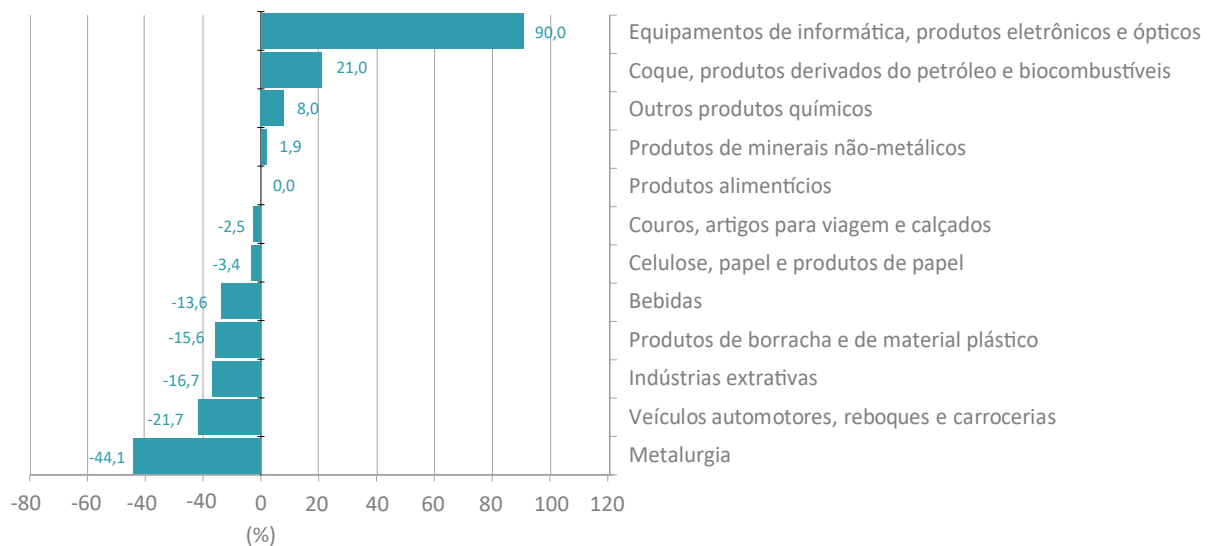
Nota: Índice de base fixa ajustado sazonalmente.

Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

No primeiro trimestre de 2022, na análise com o mesmo período anterior, apesar da maioria dos segmentos da indústria de transformação baiana apresentar taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 2, houve aumento da produção industrial de transformação do estado no período, com taxa de 3,5%. Registre-se que os segmentos que avançaram têm importante participação (48,1%) no valor da transformação industrial⁴.

⁴ Segundo dados do IBGE divulgados pela Pesquisa Industrial Anual de 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1849#resultado>. Acesso em: 15 maio 2022.

Gráfico 3
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – Jan.-mar. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana, tem-se, inicialmente, o setor de derivados de petróleo, que teve a unidade industrial recentemente privatizada. No trimestre, a produção expandiu 21,0%, com aumento no processamento de óleo combustível, óleo diesel e gasolina.

A indústria de produtos químicos, impulsionada pelo avanço na produção de insumos para fertilizantes (amoníaco e ureia) apresentou a segunda maior contribuição para a taxa positiva da indústria baiana no período. O conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia resultou no aumento expressivo dos preços dos fertilizantes, produtos que têm a oferta global na região onde está localizado o conflito, o que favorece esse setor na Bahia.

O setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos registrou aumento de 90,9%, atribuído principalmente ao crescimento na produção de computadores pessoais de mesa e portáteis.

A produção de Minerais não metálicos acumula no trimestre aumento de 1,9%, porém a produção desse setor vem desacelerando, impactada pela retração na atividade de construção, devido aos elevados custos dos insumos utilizados pelo setor. No ano, houve aumento, principalmente, na fabricação de cimentos "Portland", massa de concreto e ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica esmaltados.

A indústria de alimentos, que teve o desempenho influenciado pela retomada da economia mundial e pelos preços favoráveis no mercado internacional no último trimestre de 2021, apresenta estabilidade no primeiro trimestre do ano. Assim, houve aumento, principalmente, na produção de resíduos da extração de soja, óleo de soja em bruto e carnes de bovinos frescas e refrigeradas e recuo na produção de farinha de trigo e cacau ou achocolatado em pó.

A principal contribuição negativa para o acumulado no ano veio do setor Metalúrgico, impactado, principalmente na transformação do cobre com queda na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com queda de 15,8% no acumulado do ano, teve o desempenho influenciado principalmente pela queda na produção de embalagens plásticas e insumos de material plástico para uso na construção.

A indústria de Bebidas recuou em 13,6% no primeiro trimestre, comparada ao mesmo período do ano anterior, impactada pela redução na produção de cervejas e chopes.

O segmento de Celulose e papel registrou queda na produção de celulose e caixas de papelão, devido à parada programada para manutenção na unidade 1 de Mucuri da empresa Suzano. A demanda permanece forte tanto no mercado doméstico quanto no mercado internacional, diante da retomada da atividade e da recuperação do consumo de papéis de imprimir e escrever.

O setor de Veículos registrou queda de 21,7% no ano, atribuído, principalmente, ao declínio na produção de peças e acessórios para veículos automotores e veículos.

Na indústria calçadista, o recuo do setor deu-se principalmente pela queda na produção de calçados. Mesmo assim, no trimestre o segmento exportou US\$ 13,792, o que representa variação de 137,1% em relação ao mesmo período de 2021. Ressalta-se também, que essa é uma das indústrias que mais emprega no estado e tem gerado 2,86 mil postos de trabalho no primeiro trimestre, com crescimento de 26,8% no estoque de emprego em relação ao mesmo período de 2021. Com o resultado, em março, as fábricas de calçados no estado empregavam mais de 38 mil trabalhadores⁵.

⁵ Conforme reportagem da Abicalçados. Ver em: <https://www.abicalcados.com.br/noticia/industria-calcadista-gerou-mais-de-17-mil-postos-no-ano>.

Por fim, a indústria Extrativa, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caiu 16,3% no primeiro trimestre do ano de 2022, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo; minérios de cobre em bruto ou beneficiado; e gás natural.

Diante do exposto, o maior avanço da indústria baiana em 2022 está relacionado ao aumento da demanda externa por parte dos países asiáticos, parte da Europa e Estados Unidos, o que pode contribuir no sentido de impulsionar o crescimento da produção de industrializados, bem como, da elevação nos preços de determinadas commodities que favorecem a competitividade de parte do setor produtivo local. Segmentos como de papel e celulose, alimentício, metais e minerais são os que têm presença mais forte no mercado internacional.

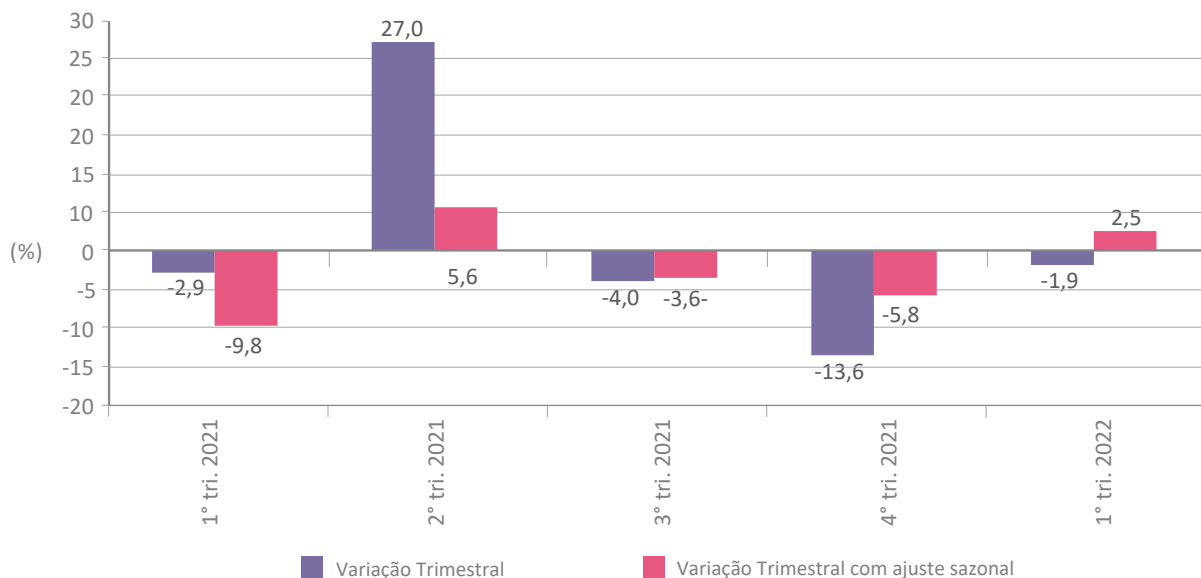
COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

O comportamento das vendas do comércio varejista no primeiro trimestre de 2022 sugere que os recuos registrados pelo setor começam a perder força. Na análise sazonal, observa-se uma variação positiva nos negócios em 2,5%, em relação ao período imediatamente anterior. Na comparação com o ano passado, embora a taxa ainda se apresente negativa (-1,9%), têm-se uma perda de ritmo (Gráfico 1). Esses dados foram apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – realizada em âmbito nacional – e analisados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento (Seplan).

Gráfico 1

Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 1º tri. 2021-1º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente..

Na série dessazonalizada, o desempenho do varejo baiano no trimestre é ratificado na trajetória mensal registrada pelo setor. A partir de novembro de 2021, as quedas nas vendas foram amenizadas, mudando a trajetória em março de 2022, ao registrar a taxa positiva de 5,7% (Gráfico 2). Apesar de fatores como inflação, comprometimento da renda, endividamento das famílias e elevadas taxas de juros, agravadas pelo conflito no Leste Europeu, e de novas

pressões inflacionárias continuarem influenciando as vendas, o Auxílio Brasil, nas faixas de renda mais baixas, e uma percepção mais favorável sobre o mercado de trabalho surtiram efeito.

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – jan-mar. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na Bahia, no mês de março houve a geração de 7.836 postos de trabalhos com carteira assinada, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizados pela SEI. Esse resultado representa uma variação de 0,43% sobre o quantitativo do mês anterior. Seja em termos absolutos ou relativos, o comportamento do mercado de trabalho da Bahia nesse mês levou o estado a ocupar a primeira posição na geração de postos de trabalho entre os estados nordestinos.

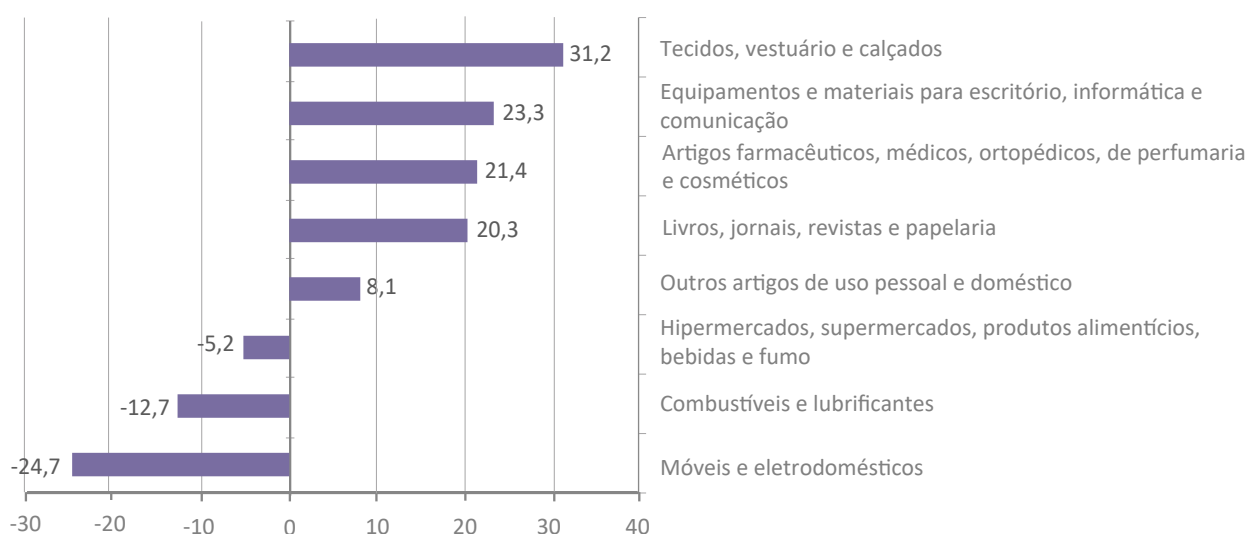
Na análise trimestral por atividade, na série sem ajuste sazonal, verifica-se que o comportamento das vendas nos três primeiros meses de 2022 foi influenciado negativamente por três dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-5,2%), *Combustíveis e lubrificantes* (-12,7%) e *Móveis e eletrodomésticos* (-24,7%). Os resultados positivos ficaram por conta de *Tecidos, vestuário e calçados* (31,2%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (23,3%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (21,4%),

Livros, jornais, revistas e papelaria (20,3%) e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (8,1%) (Gráfico 3). No que diz respeito aos subgrupos, verifica-se que as vendas de *Eletrodomésticos, Móveis e Hipermercados e supermercados* recuaram em -25,6%, -24,7% e -5,5%, respectivamente.

Gráfico 3

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 1º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No varejo restrito, as maiores contribuições negativas no primeiro trimestre vieram de *Móveis e eletrodomésticos, Combustíveis e lubrificantes e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*. As incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica influenciaram as vendas nesses segmentos.

No caso de *Móveis e eletrodomésticos*, o cenário de adoção de política monetária restritiva com alta de juros e inflação elevada resultou num comprometimento das vendas nessa atividade. Os resultados negativos se repetem de forma sequenciada desde julho de 2021 e tem no encarecimento dos créditos, endividamento das famílias e comprometimento da renda dos trabalhadores seus principais impulsionadores.

As vendas de *Combustíveis e lubrificantes* também foram influenciadas pelo cenário de incerteza da atividade econômica. Apesar de ser considerado um bem inelástico, as constantes elevações nos preços do produto têm levado os consumidores a utilizarem os seus veículos de

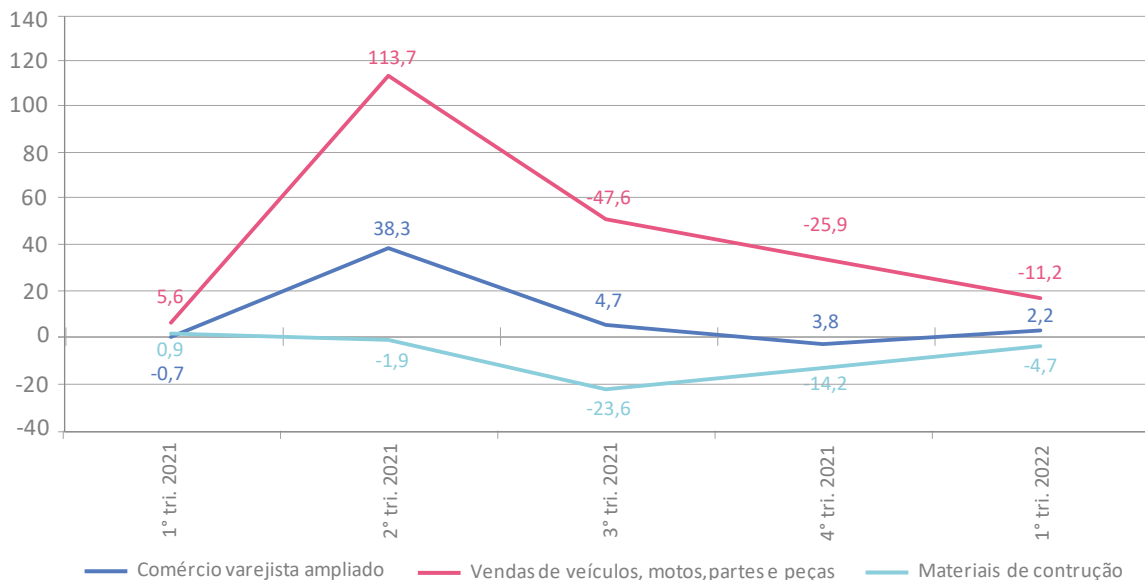
forma mais otimizada. Desde o mês de agosto/2021 a atividade vem registrando sucessivos resultados negativos nas suas vendas.

Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista e que comercializa bens de primeira necessidade, tem na inflação e comprometimento da renda os maiores entraves para o aquecimento dos negócios da atividade. A restrição orçamentária interfere na estratégia utilizada pelo consumidor de realizar o processo de substituição de bens, passando a efetivar a redução de produtos nas cestas de bens adquiridas.

Por outro lado, na contribuição positiva, destaca-se o segmento de *Tecidos, vestuário e calçados*, que registrou a maior taxa positiva do varejo no primeiro trimestre. O seu comportamento chama a atenção, pois no ápice da pandemia esse ramo foi o mais atingido com as medidas de isolamento social. No mês de março, essa atividade chegou a registrar uma expansão de 140,3% nas vendas. Esse impulso é atribuído à influência do Auxílio Brasil nas faixas de renda mais baixas, uma percepção mais favorável sobre o mercado de trabalho, e a volta das atividades presenciais e aos eventos festivos.

No varejo ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção*, também numa análise sem ajuste sazonal, as vendas avançaram 2,2%, em relação a igual trimestre do ano anterior, reforçando a ideia de que o ritmo de queda verificado nos meses anteriores começa a perder força. Esse resultado foi influenciado pelo comportamento de *Veículos, motos, partes e peças*, que ampliou as suas vendas em 16,4% no período. Em contrapartida, o segmento de *Material de construção* retraiu as suas vendas em 4,7% (GRÁFICO 04). Em igual comparação, as taxas no país, no comércio varejista ampliado, foram positivas (1,1%), assim como em um dos segmentos que o compõe, *Veículos, motos, partes e peças* (3,5%), e foram negativas em *Material de construção* (- 4,8%).

Gráfico 4
Volume de vendas do comércio varejista ampliado
Bahia – 1º tri. 2021-1º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação trimestral.

O comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* manteve crescimento nas vendas, mas em ritmo reduzido. No primeiro trimestre de 2022, o efeito estatístico verificado em igual período do ano anterior não foi observado, prevalecendo as incertezas do momento. Fortemente influenciado pelo crédito, as vendas dessa atividade costumam se intensificar entre os meses de setembro e dezembro, período em que as montadoras realizam descontos para findar os modelos daquele ano. Essa estratégia não se manteve na mesma magnitude nos primeiros três meses desse ano, levando a uma amenização no crescimento das vendas do ramo.

No segmento de *Material de construção*, a perda de poder aquisitivo do consumidor, dado a elevação da taxa de juros, inflação e aumento do endividamento das famílias levaram ao comprometimento do volume de vendas nessa atividade, passando a registrar, desde junho de 2021, sucessivos recuos. Entretanto, apesar de negativa, a taxa apresentada no primeiro trimestre de 2022 revela que o ritmo de queda foi arrefecido. Esse comportamento pode ter sido influenciado pelo Auxílio Brasil nas faixas de renda mais baixas e pelo dinamismo registrado pelo mercado de trabalho baiano.

Assim sendo, as expectativas para o comércio varejista no ano de 2022 continuam dependendo do comportamento de algumas variáveis como a inflação, taxa de juros, desemprego e endividamento das famílias, bem como a dinâmica no mercado com a proximidade das eleições. Todavia, com a amenização do ritmo de queda apresentado pelo setor no primeiro trimestre, ratificado pelo crescimento nas vendas na análise sazonal, o otimismo tomou conta dos comerciantes, passando a antever um segundo trimestre mais promissor.

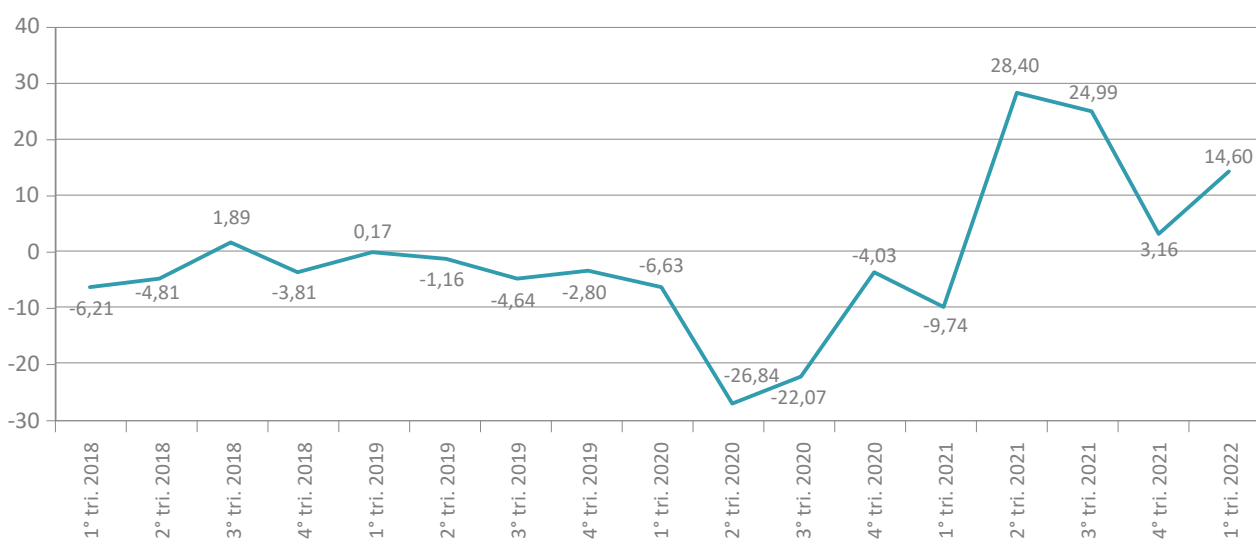
De acordo com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em maio, o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) atingiu 120,2 pontos, maior nível desde dezembro de 2021, com variação positiva de 5,7%, na passagem mensal, e alta de 31,6% em comparação a maio de 2021. Com a normalização do fluxo de consumidores nas lojas, a CNC revisou a projeção de crescimento das vendas em 2022 para 1,5%. Segundo a entidade, espera-se que os saques extraordinários do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a antecipação dos benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) surtam efeitos sobre o consumo e pagamento de dívidas, já na segunda metade do ano.

SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 1º trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 14,6%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a quarta taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 9,4% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de serviços(1)
Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias⁶ (50,6%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e

⁶ Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

correio (18,2%), depois Serviços profissionais, administrativos e complementares (6,4%) e Outros serviços⁷ (5,8%). Apenas Serviços de informação e comunicação (-3,6%) contabilizou queda.

Regionalmente, 26 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (9,4%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Alagoas (24,3%), seguido por Roraima (18,2%), depois Rio Grande do Sul (16,1%). Nessa comparação, a Bahia (14,6%) contabilizou a sexta variação positiva, e Rondônia (-0,5%), a única variação negativa.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal de serviços na Bahia, no acumulado do 1º trimestre de 2022 cresceu 25,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, todas as cinco atividades puxaram a receita de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (58,3%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (35,1%), depois Serviços profissionais, administrativos e complementares (13,7%), Outros serviços (13,2%) e Serviços de informação e comunicação (1,3%).

Regionalmente, todas as unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional, que cresceu 15,4%. As variações mais significativas, em termos regionais, ocorreram em Alagoas (33,4%), Bahia (25,9%), Roraima (25,2%) e Rio Grande do Sul (22,6%). Nessa comparação, a Bahia contabilizou a segunda variação positiva mais relevante entre as unidades da federação, e Rondônia (6,1%), a variação menos expressiva.

É importante destacar que o setor de serviços no 1º trimestre de 2022 também foi impactado pelas medidas de contenção à covid-19 na Bahia, mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. Cabe lembrar que todas as atividades, tanto no volume (-9,7%) quanto na receita nominal (-10,6%), marcaram retração no ano de 2021 devido à pandemia, não esquecendo o efeito base nos resultados de 2022. Ao observar o resultado apresentado pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), a expectativa é de aceleração para o setor de serviços nos meses subsequentes, conforme a última pesquisa disponível feita pela fundação.

OICS, do Ibre/FGV, subiu 2,1 pontos em maio, para 98,3 pontos, o maior nível desde outubro de 2021 (99,1 pontos). Em médias móveis trimestrais, o índice segue a tendência positiva ao subir 3,0 pontos. "A confiança do setor de serviços segue em trajetória favorável pelo terceiro

⁷ Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

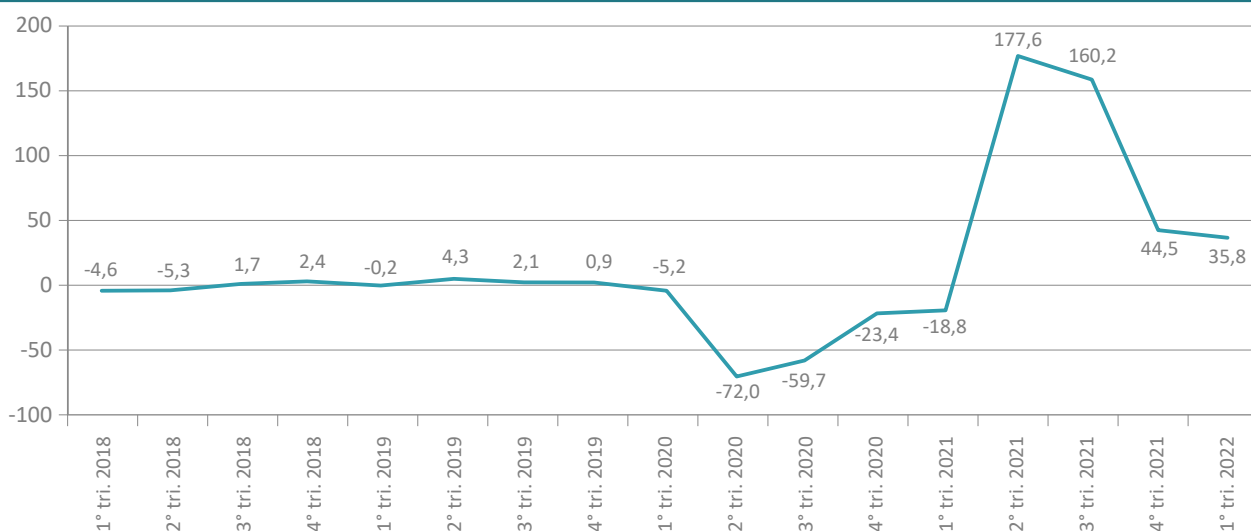
mês consecutivo. A alta desse mês foi, mais uma vez, influenciada tanto pela melhora na percepção do volume de serviços no mês quanto pela evolução favorável das expectativas. Outros pontos positivos são a aproximação do nível neutro de 100 pontos e a disseminação entre os segmentos. No curto prazo, ainda é possível imaginar uma continuidade da trajetória positiva com a liberação de recursos que podem estimular a demanda, recuperando, assim, as perdas ocorridas ao longo da pandemia. No médio e longo prazo, o ambiente macroeconômico desfavorável parece ser um fator impeditivo”, avaliou Rodolpho Tobler, economista do Ibre/FGV. A alta do ICS atingiu 9 dos 13 segmentos pesquisados.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas⁸ na Bahia, quando comparado com o 1º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 35,8%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a quarta taxa positiva para esse tipo de comparação e a quarta variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Cabe ressaltar o efeito base, em função da variação negativa no ano passado (-18,8%) (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas(1)
Bahia – 1º tri. 2018/1º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

⁸ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 27,6% no acumulado do primeiro trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todos os 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (69,2%), seguido por Rio Grande do Sul (61,0%), São Paulo (51,6%) e Ceará (47,7%). Nessa comparação, a Bahia (35,8%) apontou a sétima variação positiva mais significativa, enquanto o Rio de Janeiro (20,6%), a menos expressiva.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 53,7% no acumulado do primeiro trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento com destaque para Minas Gerais (76,0%), seguido por Rio Grande do Sul (72,1%), depois Ceará (62,0%) e por fim São Paulo (59,8%). Nessa comparação, a Bahia (55,3%) apontou a quinta variação positiva mais importante e o Rio de Janeiro (32,1%), a variação menos expressiva.

Na mesma tendência das atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no primeiro trimestre de 2022, na Bahia, o setor de turismo incorporou 1.027 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 14.305 admissões e 13.278 desligamentos. Tal resultado, portanto, se revelou melhor do que o de um ano antes, já que o saldo havia sido negativo no conjunto dos meses de janeiro a março de 2021, com a cessação de 749 vínculos celetistas naquele íterim.

No primeiro trimestre de 2022, a maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo exibiram saldo positivo – num total de 18. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em Locação de automóveis sem condutor (+382 vagas), Transporte rodoviário de táxi (+373 postos) e Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional (+104 vagas). Por outro lado, Hotéis e similares (-51 postos), Atividades de organização de eventos, exceto culturais e esportivos (-13 postos) e Transporte aéreo de passageiros não-regular (-10 vínculos) foram aqueles com os piores resultados, exibindo mais desligamentos do que admissões.

Conforme os dados da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur), a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana foi de 62,7% no 1º trimestre de 2022. Esse resultado ficou acima 20,6 p.p. da taxa contabilizada no mesmo trimestre do ano anterior (42,1%). No mês de março, foram consultados 50 estabelecimentos, com 100% de respondentes, dentre os quais 8,0% informaram fechamento do estabelecimento comercial.

É importante destacar que o setor do turismo foi impactado pelas medidas de contenção à covid-19 na Bahia, mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. Todas as atividades, tanto no volume (-18,8%) quanto na receita nominal (-30,1%), marcaram retração no ano de 2021, devido à pandemia. Assim, deve-se levar em consideração o efeito base nos resultados de 2022. Ao observar o resultado apresentado pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), a expectativa é de aceleração para o setor de serviços nos meses subsequentes. A suspensão das medidas de contenção à covid-19 e a autorização para os municípios do estado da Bahia realizarem os festejos juninos impactará positivamente o setor do turismo no segundo trimestre de 2022.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Marcus Vinícius Souza P. dos Santos
marcussantos@sei.ba.gov.br

O comércio mundial bateu recorde em 2021, mas deve desacelerar ligeiramente no primeiro trimestre deste ano, segundo projeções de diversas instituições internacionais. O valor do comércio global atingiu um nível recorde de US\$ 28,5 trilhões em 2021, numa alta de 25% em relação a 2020 e de 13% comparado a antes da pandemia de covid em 2019. Em base anual, o comércio de mercadorias superou fortemente o comércio de serviços, com um aumento de 27% e 17%, respectivamente.

Este ano, entretanto, a guerra entre Rússia e Ucrânia, deflagrada a partir de 24 de fevereiro, e as pesadas sanções contra a Rússia desencadearam uma contração do comércio mundial. O movimento gerou aumentos acentuados dos preços dos alimentos e da energia e obrigará as instituições de fomento como Organização do Comércio Mundial (OMC), Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) a reduzirem suas previsões de crescimento mundial. Já eram de corte as projeções de crescimento para os Estados Unidos e a China no primeiro trimestre, atribuindo-se a reavaliação a riscos ligados à pandemia de covid-19, à alta da inflação, à desestabilização da cadeia de suprimentos e ao aperto monetário adotado pelos Estados Unidos.

As previsões da OMC são de que o comércio global poderá cair pela metade neste ano como uma das severas consequências da guerra, causando disrupção imediata no comércio internacional e deve ter efeitos de longo prazo também em sua estrutura. As projeções da entidade são de que as trocas globais seriam cortadas de 4,7%, feita no ano passado, para algo próximo de 3%. Para o ano que vem, as trocas podem aumentar 3,4%, mas trata-se de projeção cheia de incertezas por causa da guerra.

A guerra já vem afetando duramente o comércio internacional. O movimento de contêineres com mercadorias é menor, por exemplo, em direção à China, a maior nação comerciante do mundo (soma de exportações e importações), assim como menos cargas também estão sendo embarcadas em navios a partir do mercado chinês, envolta em *lockdowns* e ressurgimento da covid e suas novas variantes.

As perspectivas para a economia global, portanto, pioraram com o conflito. O impacto econômico mais imediato da crise tem sido um forte aumento nos preços das commodities.

Apesar de suas pequenas participações no comércio e produção mundial, a Rússia e a Ucrânia são grandes fornecedores de itens como alimentos, energia e fertilizantes.

Porém, boa parte do mercado concorda que o risco mais imediato para a economia mundial vem mesmo da China. A OMC avalia que, além da guerra, os *lockdowns* na China para combater a covid-19 perturbam de novo o comércio marítimo no momento em que as pressões nas cadeias de fornecimento pareciam se atenuar.

Todo esse cenário embute o risco de 2022 tornar-se um período tenso de realinhamentos geopolíticos, persistentes desestruturações da cadeia de suprimentos e volatilidade do mercado financeiro, tudo isso em um pano de fundo de crescentes pressões inflacionárias e de espaço de manobra limitado para a política pública.

Manter a economia global em uma trajetória de crescimento razoável exigirá ações orquestradas para corrigir os problemas mais enraizados. Entre elas estão medidas para limitar desestruturações induzidas pela pandemia, iniciativas para diminuir significativamente as tensões geopolíticas, além de atos direcionados, como gastos em infraestrutura, voltados para impulsionar a produtividade de longo prazo em vez de se limitar a fortalecer a demanda de curto prazo.

O conflito no Leste Europeu pode desacelerar o comércio internacional, mas deve aumentar os preços dos combustíveis e das commodities. De um lado, isso prejudica o Brasil, que importa combustíveis. Mas o favorece o país de outro, por conta da importância das commodities nas exportações. Apesar dos níveis comerciais do Brasil com Rússia e Ucrânia serem bastante limitados, a oferta de fertilizante para o agronegócio pode ser impactada por esse canal e colocar mais pressão sobre preços de alimentos e preço de energia com petróleo acima de US\$ 100. Mas, o impacto esperado é mais imediato na inflação do que no crescimento.

Em função da expectativa de alta ainda maior das commodities por conta da guerra, o Banco Central revisou para cima as previsões para o saldo da balança comercial este ano. O movimento se deve a um aumento das expectativas para as exportações brasileiras neste ano – que subiram de US\$ 276 bilhões (R\$ 1,33 trilhão) para US\$ 328 bilhões (R\$ 1,58 trilhão). Segundo a instituição, os preços de grãos também se elevaram diante das incertezas quanto ao impacto do conflito nas exportações dos países envolvidos, bem como nos preços internacionais de fertilizantes. Embora se espere uma redução em volume exportado, com o impacto negativo de problemas climáticos sobre a safra de soja da região sul do país e com expectativas menores para a produção da indústria extrativa, a expectativa de forte alta das exportações em valor é consenso entre analistas.

De fato, os efeitos da invasão na Ucrânia pela Rússia nos preços de commodities provocaram uma onda de revisões para cima nas projeções de bancos e consultorias para o superávit comercial deste ano. As novas estimativas em muitos casos mostram perspectiva de novo recorde de saldo em 2022, com projeções que chegam a ultrapassar os US\$ 80 bilhões. Uma esperada desaceleração da economia global, a maior valorização do real frente ao dólar e a queda dos termos de troca, porém, diferenciam o cenário deste ano em relação ao de 2021, destacam especialistas, o que mantém algumas projeções ainda com superávit abaixo de US\$ 50 bilhões no ano, apesar de também seguirem a tendência altista das revisões após a eclosão da guerra.

Tabela 1
Balança comercial – Bahia
Jan.-Mar. 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %
	2021	2022	
Exportações	1.781.020	2.509.844	40,92
Importações	1.701.990	2.831.268	66,35
Saldo	79.030	-321.424	-
Corrente de comércio	3.483.010	5.341.112	53,35

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 08/04/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

A Bahia acompanhou os bons resultados registrados pelo país e, no acumulado do primeiro trimestre, anotou US\$ 2,51 bilhões em exportações, superior em 41% a igual período do ano anterior. Já as importações somaram US\$ 2,83 bilhões, 66,4% acima do registrado até março de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis que cresceram 279,4% na comparação interanual. Esse crescimento maior das importações no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um déficit de US\$ 506,7 milhões no trimestre.

No trimestre, as exportações apresentaram crescimento em todo o período. Em janeiro (+50,5%), fevereiro (+33,5%) e março (37,3%), as taxas foram elevadas principalmente pelas excepcionais exportações de óleo combustível e soja. Em março, inclusive, as exportações baianas obtiveram o melhor resultado para o mês da série histórica iniciada em 1998, ao alcançarem US\$ 974,3 milhões, superando em 37,3% o valor registrado em março de 2021.

Boa parte do bom desempenho das vendas ao exterior no trimestre pode ser explicada pelo

volume expressivo de embarques de derivados de petróleo (alta de 195,2%, comparadas ao primeiro trimestre do ano passado), como também pelo efeito preço desses produtos no mercado internacional – crescimento médio de 51,3%, decorrente do salto das cotações após o conflito na Ucrânia. Esse ambiente favorável levou as receitas do segmento a US\$ 648,8 milhões, um incremento de 346,6% na comparação interanual. O setor foi um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no trimestre, uma vez que a Refinaria de Mataripe triplicou o volume exportado de derivados de petróleo, elevando as exportações de óleo combustível de 346 mil toneladas para 1.009 mil toneladas.

Tabela 2
Exportações baianas – principais segmentos
Jan.-Mar. 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)			Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022	Var. %		
Petróleo e Derivados	145.300	648.850	346,56	25,85	51,26
Soja e Derivados	188.605	434.109	130,17	17,30	14,83
Químicos e Petroquímicos	223.023	339.432	52,20	13,52	49,42
Papel e Celulose	252.884	214.530	-8,01	8,55	12,22
Minerais	142.783	167.131	17,05	6,66	1,24
Algodão e Seus Subprodutos	192.893	158.697	-17,73	6,32	31,68
Metalúrgicos	196.629	118.170	-39,90	4,71	-16,73
Metais Preciosos	131.169	100.637	-23,28	4,01	26,95
Café e Especiarias	44.972	77.005	71,23	3,07	70,77
Cacau e Derivados	58.356	59.101	1,28	2,35	9,77
Borracha e Suas Obras	36.682	37.585	2,46	1,50	8,58
Demais Segmentos	167.724	154.597	-7,83	6,16	15,05
Total	1.781.020	2.509.844	40,92	100,00	-0,10

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 08/04/2022.

As exportações do agronegócio baiano alcançaram US\$ 1,04 bilhão no primeiro trimestre, 27,1% mais que um ano antes e com novo recorde para março, desde o início da série histórica em 2006.

Tanto os preços médios dos produtos exportados quanto os volumes aumentaram – as altas foram de 10,2% e 15,4%, respectivamente –, colaborando para o resultado. Com esses avanços, a participação do agronegócio nas exportações totais da Bahia no trimestre atingiu 41,5%.

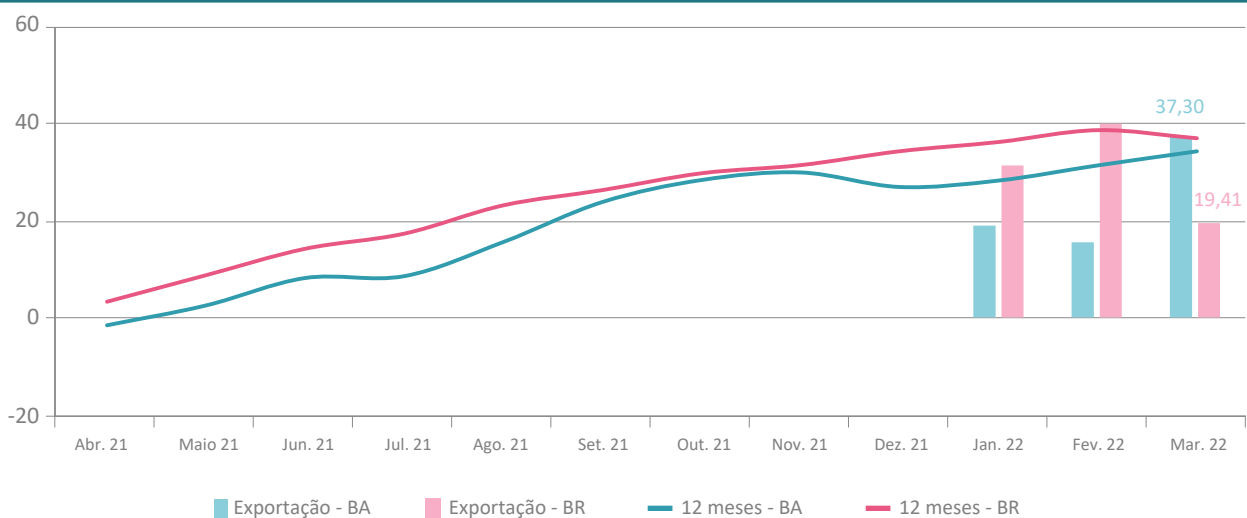
O complexo soja continua sendo o principal produto de exportação do setor, com vendas de US\$ 434,1 milhões no período e incremento de 130,2% em relação ao trimestre de 2021.

Por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado, as vendas foram volumosas, atingindo 874,2 mil toneladas no trimestre, com incremento de 100,4%.

Com a valorização do petróleo no mercado internacional, o setor de petroquímico tem conseguido bons preços em seus produtos, aumentando o volume exportado em 2%, mas em função da valorização média dos preços do setor alcançou aumento de 52,2% nas receitas, com destaque para a acrilonitrila, pentóxido de vanádio e mistura de alquibenzenos.

A tendência é de melhora das vendas externas dos produtos do setor, diante do novo patamar de preços dos produtos químicos no mercado global. Como limitador, está o fim do Regime Especial da Indústria Química (REIQ) e dos riscos de severos desbalanceamentos na oferta de insumos estratégicos com a guerra na Ucrânia.

Gráfico 1
Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2021/2022



Fonte: Secex/MDIC.
Elaboração: SEI.
Dados coletados em 10/04/2022.

Até março, as exportações agropecuárias alcançaram US\$ 790,3 milhões e cresceram 46%, principalmente de soja, que teve embarques mais robustos (alta de 100,4%), por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado. As vendas da indústria de transformação alcançaram US\$ 1,43 bilhão e incremento de 50,2%, puxadas pela indústria do refino. Já a indústria extrativa, por sua vez, teve vendas de US\$ 267,8 milhões, com recuo de 2,3% no trimestre comparado a igual período de 2021.

Na comparação com a região Nordeste, a participação das exportações baianas alcançou, no primeiro trimestre de 2022, 46,3% das vendas da região. Enquanto, nacionalmente, a Bahia respondeu por 3,5% do total das vendas externas do país, no período.

Considerando os principais produtos exportados, o óleo combustível foi o principal produto exportado pela Bahia no primeiro trimestre de 2022, com vendas externas de US\$ 619,8 milhões (+338,8%). Em seguida, destacaram-se a soja (US\$ 294,4 milhões), o algodão (US\$ 157,3 milhões), a celulose em pasta (US\$ 143,2 milhões) e bagaços de soja (US\$ 101,3 milhões). Esses cinco produtos foram responsáveis por mais da metade das exportações baianas (52,4%).

As exportações baianas são concentradas em poucos países. Os cinco principais países de destino foram responsáveis por 57% do valor total das exportações no período analisado.

A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no trimestre, com compras que totalizaram US\$ 524,6 milhões. Esse valor foi 24,8% maior que em igual período do ano anterior, por conta do aumento do volume embarcado principalmente de algodão, minério e catodos de cobre, ferro e cromo e às maiores vendas de fio de cobre, produtos químicos e derivados de cacau.

Por conta da liderança do refino na pauta e do crescimento de 346,6% nas exportações de petróleo e derivados no trimestre, Singapura (maior importador do produto baiano) vem na segunda posição como destino das vendas externas estaduais com US\$ 380,6 milhões e crescimento de 236,2%. O país respondeu por 15,2% das exportações baianas no período, seguido pelos Estados Unidos com US\$ 231 milhões e 9,2% de participação no período. Seguem ainda a Argentina com 6,7% e Canadá com 5,1%, este último pelas elevadas compras de ouro e minério de níquel.

IMPORTAÇÕES

Com a explosão de preços na importação, o crescimento das compras externas baianas em março alcançou 29,4%, totalizando US\$ 792,9 milhões. No primeiro trimestre, as importações atingiram US\$ 2,83 bilhões, superior ao valor alcançado pelas exportações, tendo um incremento de 66,4%, sempre na comparação interanual.

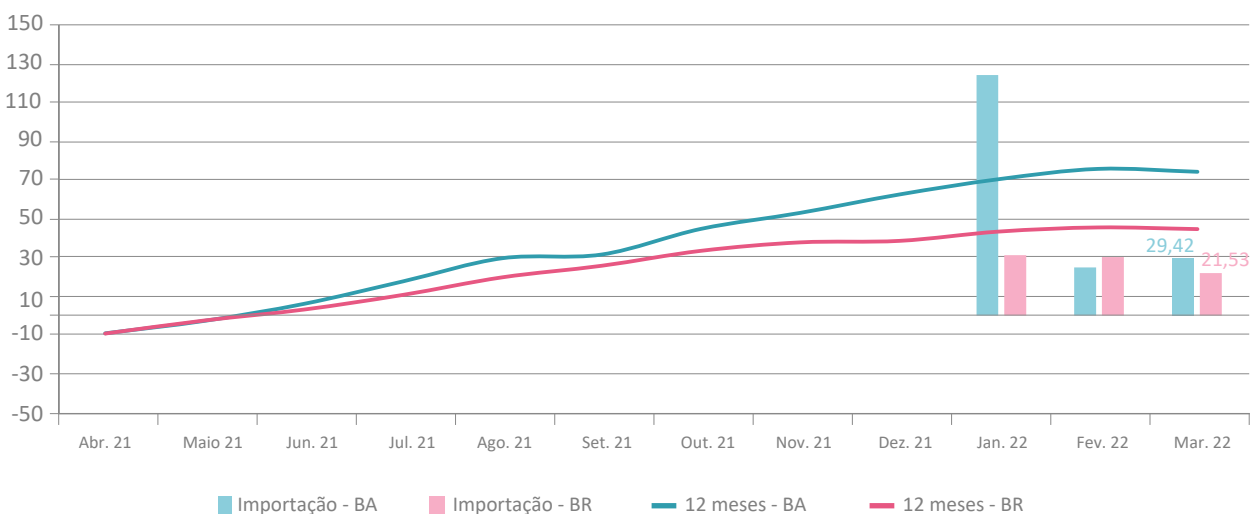
Importações puxadas mais por preços do que volumes fazem parte do cenário esperado para 2022. A guerra, porém, conforme sua duração, pode intensificar o ritmo de alta de preços nos desembarques, acumulando-se aos efeitos da inflação global resultante dos gargalos logísticos e do descompasso entre oferta e demanda anteriores ao conflito.

Apesar do crescimento do quantum no total do trimestre em 23,5%, já houve em março, um refluxo no volume total desembarcado de 15,3%, por conta do fraco ritmo da atividade econômica – queda de 36,2% na compra de bens intermediários e de 16,6% nas de bens de capital. Entretanto, o efeito preço empurrou as despesas em 29,4% no mês passado.

Os desembarques de combustíveis no mês cresceram tanto em volume com em valor, atingindo US\$ 545 milhões e incremento de 120,7% (gás, nafta, petróleo, querosene e óleo diesel), comparado a março de 2021. Corroborando os temores do agronegócio sobre a oferta de fertilizantes, houve queda no volume de compras em março em 31%, inclusive os procedentes da Rússia (-42,6%). O valor total desembolsado, entretanto, cresceu 40,4%, o que traduz um aumento de preços médios na ordem de 103,2% comparando-se às compras de março do ano passado.

Gráfico 2

Varição do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – 2021/2022



Fonte: Secex/MDIC.
Elaboração: SEI.
Dados coletados em 10/04/2022.

Com os resultados do trimestre, a Bahia acumulou um déficit de US\$ 321,4 milhões em sua balança comercial no primeiro trimestre, resultado de importações maiores, que somaram US\$ 2,83 bilhões, aumento de 66,4% e de exportações de US\$ 2,51 bilhões e incremento de 40,9%. A corrente de comércio (soma das exportações e importações) chegou a US\$ 5,34 bilhões com crescimento de 53,4% sobre igual período de 2021.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan.-Mar. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Combustíveis e Lubrificantes	557.428	2.114.931	279,41	74,70
Bens Intermediários	939.857	541.041	-42,43	19,11
Bens de Capital	139.705	117.240	-16,08	4,14
Bens de Consumo Duráveis	37.417	33.167	-11,36	1,17
Bens de Consumo não duráveis	27.581	24.888	-9,76	0,88
Bens não especificados	2	0	-100,00	0,00
Total	1.701.990	2.831.268	66,35	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 08/04/2022.

Nota: importações efetivas, dados preliminares.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira
joaovieira@sei.ba.gov.br

Poliana Peixinho
poliana@sei.ba.gov.br

Marília Jane Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

O Monitor Fiscal do Fundo Monetário Internacional (FMI) destaca que enquanto a incerteza associada à pandemia de covid-19 estava diminuindo, a Rússia invadiu a Ucrânia. A incerteza perdurou, mudando o foco da pandemia para a guerra. O número de mortos, a miséria humana e a destruição da infraestrutura que a guerra está causando, além do deslocamento dispendioso de refugiados e perda de capital humano, perturbam os mercados de commodities e alimentam ainda mais a inflação. Preços de comida elevados e preços de energia também altos aumentam os riscos de agitação social. Desde que a guerra começou, mais de 4,5 milhões de refugiados fugiram da Ucrânia. A política fiscal tem um papel a desempenhar quando as coisas dão errado. Pode proteger os mais vulneráveis do impacto da alta dos preços nos orçamentos familiares. De modo geral, as respostas dos governos serão moldadas de acordo com os cenários difíceis de inflação alta e crescente; desaceleração do crescimento; dívida alta e aperto nas condições monetárias. As restrições orçamentárias são cada vez mais obrigatórias, enquanto os bancos centrais aumentam as taxas de juros para combater a inflação.

No Brasil, desde a última revisão do cenário econômico, promovida em dezembro de 2021, o ambiente externo piorou bastante com a invasão da Ucrânia. As pressões inflacionárias no Brasil, que já vinham se acumulando antes da guerra com os desequilíbrios gerados pela pandemia, agora aumentaram. Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), previa-se um crescimento de 0,5% em 2022. O novo relatório aumentou a projeção para 1,0%, motivado pela melhora da atividade econômica e pelo efeito positivo das liberações de recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) sobre o consumo das famílias no segundo trimestre. A inflação mais alta, neste e no próximo ano, melhorou as estimativas para as receitas administradas e para a arrecadação líquida da Previdência Social no curto prazo.

No estado da Bahia, as repercussões dos eventos nacionais também se fazem sentir. Na dimensão do crescimento econômico, o PIB cresceu 2,8% (igual trimestre do ano anterior), o que sinaliza uma retomada na economia baiana. Os números do emprego formal também sinalizam essa tendência, sendo a Bahia o estado líder no acumulado do saldo de empregos formais no Nordeste. Assim, tendo em vista a associação entre a economia e as finanças

públicas, foi possível observar que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cresceu R\$ 1,4 bilhão no trimestre entre janeiro e março de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. A mesma dinâmica inflacionária que repercute a nível nacional e se faz sentir na arrecadação, também beneficia a arrecadação estadual. No que se refere ao desempenho do Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE), esse também foi de alta, quase R\$ 700 milhões a mais entre o trimestre de janeiro a março de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. Assim, pode-se atribuir o aumento à recomposição dos impostos que compõem a base desse fundo, que são o Imposto de Renda e o Imposto sobre Produtos Industrializados. Desse modo, os dois principais itens de receita do estado da Bahia apresentaram sensível melhora neste exercício de 2022.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

PIB baiano cresce 2,8% no 1º TRIMESTRE DE 2022

Resultado sazonal registra alta de 1,3%

Segundo os dados calculados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,8% no primeiro trimestre de 2022 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (1º trimestre de 2022 em comparação com o 4º trimestre de 2021), o resultado foi positivo em 1,3%. Esse avanço representa a manutenção da trajetória de crescimento do PIB baiano o qual registrou alta de 4,1% no ano passado.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2022(1)

Períodos	Taxas (%)
1º tri. 2022/1º tri. 2021	2,8
1º tri. 2022/4º tri. 2021 (sazonal)	1,3

Fonte: SEI.

Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

PIB em VALOR CORRENTE

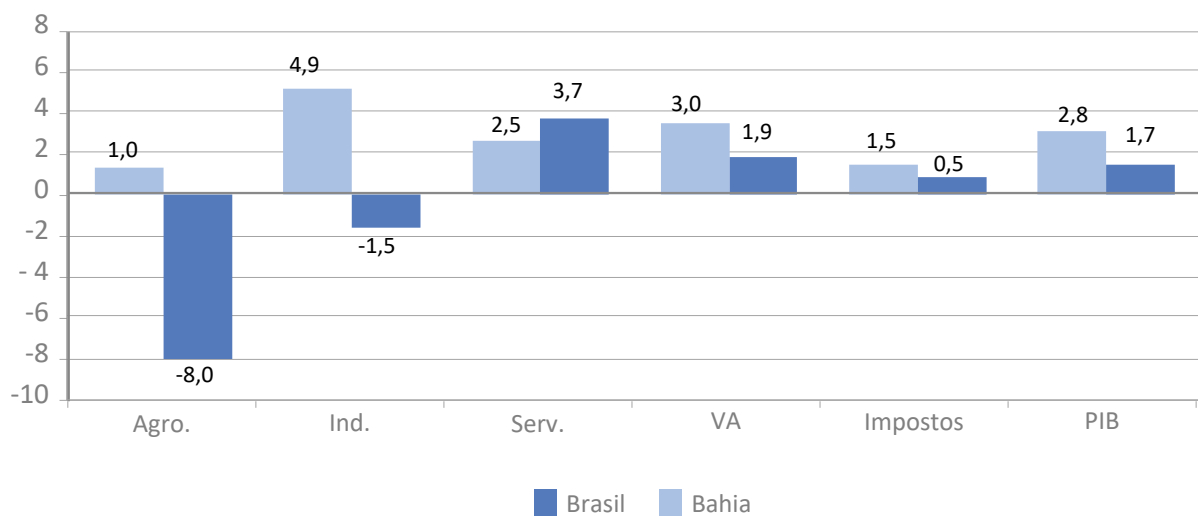
No 1º trimestre de 2022, o PIB baiano totalizou R\$ 93,3 bilhões, sendo que aproximadamente R\$ 81,6 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 11,7 bilhões, aos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 6,9 bilhões, a Indústria R\$ 21,3 bilhões e os Serviços R\$ 53,5 bilhões.

1º Trimestre 2022/ 1º Trimestre 2021

Quando comparado a igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou expansão de 2,8% no primeiro trimestre de 2022, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado apresentou variação positiva de 3,0%, e os Impostos

sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 1,5%. Os três setores econômicos apresentaram crescimento nos três primeiros meses do ano de 2022. Além da base de comparação (1º trimestre do ano anterior) ser de quase estagnação, dois setores são responsáveis pelo resultado positivo da atividade econômica do estado: Indústria, com taxa positiva de 4,9%, e Serviços, com crescimento de 2,5%.

Gráfico 1
Varição das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 1º tri. 2022(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

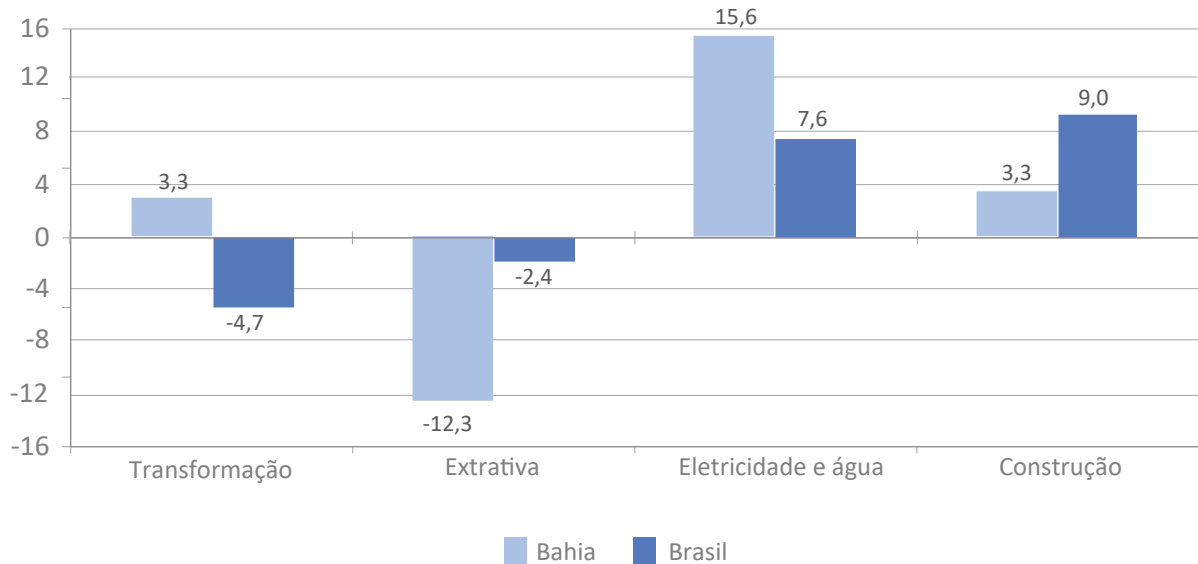
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o VA do setor agropecuário cresceu 1,0% no 1º trimestre de 2022, ante mesmo período do ano anterior. Considerando os produtos com maior relevância para os três primeiros meses do ano, as previsões de safra destacam o crescimento na produção de *grãos, soja e algodão*. Por outro lado, são esperadas safras menores de *Cacau, Mandioca*, além de outras culturas das *lavouras temporárias e permanentes*.

A taxa do setor industrial da Bahia, no 1º trimestre, foi de 4,9%. A expansão foi proveniente das taxas positivas de crescimento das atividades da *Eletricidade e água (+15,6%)*, da *Construção (+3,3%)* e da *Transformação (+3,3%)*, que juntas representam mais do que 90% da indústria geral. A queda ficou por conta das *Indústrias Extrativas (-12,3%)*, atividade que possui menor peso dentro do setor.

Gráfico 2
Variação das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 1º tri. 2022(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

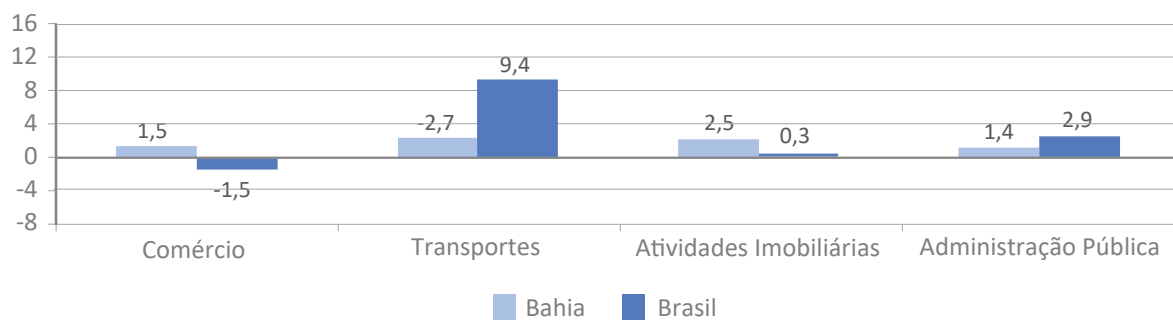
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de Serviços baiano registrou alta de 2,5% no 1º trimestre do ano, favorecida pela alta das quatro atividades que compõe o setor. O VA do Comércio registrou expansão de 1,5%, a *Administração pública* alta de 1,4% – atividade com maior peso na economia baiana –, as *Atividades imobiliárias* com crescimento de 2,5% e os *Transportes* (+2,7%), atrelado principalmente ao bom desempenho dos modais aéreo e aquaviário. Destaca-se ainda o crescimento no grupo *Outros Serviços*⁹, com expansão de 4,2% no 1º trimestre de 2022.

⁹ Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

Gráfico 3
Variação das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 1º tri. 2022(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

A conjuntura laboral baiana foi examinada aqui tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Resumidamente, no primeiro trimestre deste ano, na Bahia, a recomposição do mercado de trabalho baiano (sob o ponto de vista das principais variáveis) continuou em curso, principalmente quando se confronta com a situação de um ano antes. Além do mais, no momento, as expectativas se mostram favoráveis ao prosseguimento dessa recuperação. A reserva, no entanto, permanece: a despeito de melhorias diversas e do entusiasmo crescente, parte desses indicadores ainda desnuda uma realidade complicada em nível e, por isso, os avanços não significam necessariamente a superação do cenário desafiador nos curto e médio prazos.

Conforme os dados do Caged, a Bahia iniciou o ano de 2022 dispo de um quantitativo de 1.797.652 empregos com carteira assinada (estoque de referência). Entretanto, ao final dos três primeiros meses do ano, esse montante chegou a 1.828.484 vínculos celetistas ativos. Assim, como ocorrido em cada um dos quatro trimestres do ano de 2021 (quando 43.382, 28.216, 42.618 e 22.725 novas vagas foram abertas, respectivamente), os números do conjunto dos três primeiros meses do ano de 2022 também indicaram resultado positivo¹⁰. De janeiro a março deste ano, o montante de vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado incorporou 30.832 novos registros, significando uma elevação de aproximadamente 1,72% no estoque de referência.

Dessa forma, com o resultado mais recente, a Bahia completou sete trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal, além de evidenciar a segunda variação positiva em um primeiro trimestre desde a perda ocorrida no início de 2020 por conta dos desdobramentos da pandemia de covid-19 em território brasileiro. A ressalva se volta para um saldo menor agora do que no mesmo trimestre do ano passado, quando 43.382 novos postos de trabalho foram abertos – este, por sinal, o maior desde o registrado no segundo trimestre do ano

¹⁰ Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (*eSocial*) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o *eSocial* será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.

de 2011¹¹. Em relação ao quarto trimestre de 2021, porém, ocorreu uma ampliação, já que no intervalo imediatamente antecedente a ocupação formal com carteira assinada havia incorporado 22.725 novos vínculos.

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do primeiro trimestre de 2022 na Bahia. O mês de fevereiro foi o de maior saldo, com 11.926 novas vagas. Os meses de janeiro e março testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 11.070 e 7.836 novos postos, respectivamente – mantendo uma geração considerável ao longo do trimestre. Entretanto, vale destacar, nenhum dos meses do referido intervalo evidenciou saldo superior ao de um ano atrás, ou seja, os três meses iniciais deste ano exibiram resultados menores do que os observados nos meses correspondentes do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de janeiro a março deste ano, com 615.173 postos a mais – o que representou uma variação percentual de 1,51% em cima do estoque existente ao final do ano passado. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho no referido trimestre. Em termos absolutos, o Sudeste (+287.291 postos) evidenciou a melhor situação e o Nordeste (+25.086 postos) exibiu a cena menos favorável. Em termos relativos, por sua vez, o Centro-Oeste (+94.965 postos) foi a região com a maior oscilação, uma alta de 2,72% em cima do estoque de referência, enquanto o Nordeste confirmou o menor crescimento percentual, de 0,38%.

Das unidades da Federação, houve surgimento líquido na maioria delas no trimestre, exceto em cinco (por sinal, todas na região nordestina): Alagoas (-11.317 postos), Pernambuco (-4.798 postos), Rio Grande do Norte (-2.157 vagas), Paraíba (-2.135 postos) e Sergipe (-1.970 vagas). No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 30.832 oportunidades ocupacionais, ficou na oitava posição, cinco colocações abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Ceará (+8.925 vagas) e Alagoas (-11.317 postos) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no período, respectivamente. No que compete ao impacto percentual do saldo sobre o estoque de referência, a Bahia, com alta de aproximadamente 1,72%, situou-se na 14ª colocação no país e na primeira posição na região. Por sinal, a variação percentual ocorrida na Bahia se revelou maior do que a média do Nordeste (0,38%) e do Brasil (1,51%).

¹¹ Dado a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do *eSocial* e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com anos anteriores devem ser realizadas com cautela. Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre deste ano não alcançou todos os estratos setoriais, já que houve eliminação líquida de postos em um deles. A atividade de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 14.248 trabalhadores no período. A *Construção*, com 9.954 novos vínculos, também indicou um saldo relativamente estendido, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com saldo positivo menos protuberante, vieram o setor da *Indústria geral* (+5.503 postos) e da *Agropecuária* (+2.349 vagas). O *Comércio* (-1.222 postos), portanto, foi a única atividade a registrar um número maior de fechamentos do que aberturas de postos no citado intervalo no estado¹². Por fim, importante frisar, segundo dados do Caged, a despeito de algum resultado setorial adverso no primeiro trimestre de 2022, o estoque de vínculos celetistas atual já se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um dos grupamentos.

Agora com um olhar voltado para o levantamento mais recente da Pnad Contínua, observa-se que o mercado de trabalho baiano também experimentou avanços no trimestre inaugural deste ano (principalmente, nas comparações interanuais). Os progressos, entretanto, não se deram de forma irrestrita, visto que nem todos os indicadores progrediram segundo essa fonte de dados, além do que muitos deles ainda se encontram em níveis considerados adversos ou desfavoráveis, como, por exemplo, o rendimento médio real mensal e a massa de rendimento real, cujos valores ainda se encontram muito abaixo do que já foram um dia.

A taxa de desocupação, foco dos holofotes, voltou a aumentar na margem (apesar da falta de significância estatística desta variação), passando de 17,3% para 17,6% da população na força de trabalho – interrompendo, assim, a trajetória com três quedas trimestrais seguidas. A dinâmica de alta observada agora, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido observado em todos os anos da série – mas, agora, evidenciando a menor oscilação (0,3 ponto percentual) na passagem de um quarto trimestre para um primeiro trimestre da história. Apesar desse suave aumento, a taxa ainda se mostrou bem abaixo do seu auge, ocorrido no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7%. Além do mais, trata-se da menor taxa para um primeiro trimestre desde 2016 (15,7%). Em um ano, porém, houve recuo, já que estava em 21,7% no mesmo trimestre de 2021 – aliás, o maior encolhimento interanual da sequência (queda de 4,1 pontos percentuais). Apesar da melhora anual, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar

¹² Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária* e *Comércio*, nessa ordem.

elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa – aguardando, na verdade, maior dinamismo da economia para voltar a um patamar mais tolerável.

Das unidades da Federação, além da Bahia, outras 12 apresentaram alta da taxa trimestral de desocupação do quarto trimestre de 2021 ao primeiro trimestre deste ano (independentemente da significância estatística da oscilação). Do mais, a maior estimativa voltou a ser a da Bahia – fato que não ocorreu por três oportunidades em sequência antes disso, já que desde o segundo trimestre de 2021, o estado baiano vinha exibindo a segunda maior taxa do país. Na outra ponta, Santa Catarina (4,5%) apresentou a menor estimativa no intervalo mais recente. Em terras baianas, portanto, a situação se traduz em um indicador quase quatro vezes maior do que o observado em território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as taxas ficaram em 11,1% e 14,9%, respectivamente.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, diferentemente do ocorrido do terceiro para o quarto trimestre do ano passado, o mercado de trabalho baiano experimentou tanto uma queda na ocupação quanto uma alta na desocupação, cursos que convergiram para o aumento da taxa de desocupação – a influência, em termos absolutos, destaque-se, adveio mais do primeiro (menos 50 mil ocupados ou -0,8%) do que do segundo movimento (mais 10 mil desocupados ou +0,8%). De forma geral, importante destacar, a ocupação voltou a cair após três altas seguidas, enquanto a desocupação voltou a aumentar depois de três recuos consecutivos.

O contingente de ocupados nos primeiros três meses de 2022 na Bahia, com 5,864 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da retração na margem, ainda se revelou o maior para um primeiro trimestre desde o registrado no ano de 2016 (5,990 milhões). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, por sua vez, ficou em 1,250 milhão de indivíduos, mantendo-se abaixo do anotado no trimestre imediatamente pré-pandemia (ou seja, no primeiro trimestre de 2020, quando havia 1,333 milhão de desocupados). Além do mais, trata-se do segundo menor volume de baianos desocupados em dois anos e o menor quantitativo em um primeiro trimestre desde o visto em 2016 (1,119 milhão). Por fim, após cinco recuos trimestrais em sequência, o número de pessoas fora da força de trabalho voltou a aumentar, chegando a 4,923 milhões – sem dúvida, algo tem um peso, já que se mantém num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, podendo assim repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

O número de informais encolheu pela primeira vez após seis altas trimestrais subsequentes. O quantitativo de formais, por sua vez, se expandiu pela quarta vez seguida. O aumento

do montante de formais (+14 mil pessoas), entretanto, não foi suficiente para suplantar a perda de ocupação na informalidade (-63 mil pessoas) e, assim, sustentar uma alta geral da ocupação no trimestre mais recente comparativamente ao imediatamente anterior. Dessa forma, importante pontuar, o recuo atual da ocupação no estado se deu exclusivamente pelo canal da informalidade – o que acarretou uma retração do grau de informalidade na margem. Dessa maneira, ao incorporar mais trabalhadores ao polo protetivo, tal movimento, embora ainda não consolidado como tendência, tende a fortalecer uma via de recuperação mais qualificada do mercado de trabalho. Por fim, o período de janeiro a março de 2022 contabilizou 3,207 milhões de ocupados na informalidade e 2,657 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 54,7%, o quinto maior do país. No Brasil como um todo, 40,1% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2022, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.679 – simplesmente, o segundo menor da história para o estado e o terceiro mais baixo entre as unidades federativas (maior apenas do que o do Maranhão, estimado em R\$ 1.547 e o do Piauí, calculado em R\$ 1.660). Em relação ao mesmo intervalo de 2021, quando estava em R\$ 1.757, houve queda de 4,4% (ou seja, menos R\$ 78) – a sexta retração seguida nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.607, ocorreu uma variação positiva de 4,5% (mais R\$ 72), primeira alta após duas quedas consecutivas e o quarto maior aumento entre trimestres adjacentes.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 9,425 bilhões, o sexto menor montante já contabilizado, mas pelo menos o maior desde o penúltimo trimestre de 2021 – significando uma elevação de 3,0% frente ao do quarto trimestre de 2021 (de R\$ 9,147 bilhões) e de 7,2% no comparativo com o total do mesmo período do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 8,792 bilhões). Assim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou quando se compara com o montante do trimestre imediatamente antecedente. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente significou a interrupção de um período com sete quedas consecutivas. Por fim, importante destacar, a elevação recente na margem se deu exclusivamente por conta do aumento do rendimento médio, já que o número de pessoas trabalhando decresceu.